Uma terceira via foi remetida pelo correio aereo.

ARQUIVO
12 FEV 40
SALDO

EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

RESERVADO

N.47

Mês politico n°.1.

900.1(96)

S. DE E. DAS RELAÇÕES EXTERIORES
Divisão de Comunicações e Arquivo
22 FEV. 1940
M.º 3042

A Embaixada do Brasil em Roma tem a honra de remeter á Secretaria de Estado das Relações Exteriores, nos termos da Circular n°.1248, de 17 de Setembro de 1938, o incluso relatório político do mês de Janeiro de 1940.

./1

Roma, 31 de Janeiro de 1940.

EMBAIXADA DO BRASIL · EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

G.A.

O acontecimento politico de maior relevancia no mês de Janeiro foi, sem duvida, a conferencia realizada em Veneza entre o Conde Ciano e o Conde Csaky, Ministros dos Negócios Estrangeiros, respectivamente, da Itália e da Hungria. Segundo o comunicado distribuido à imprensa, os dois Ministros trocaram idéas sobre a situação geral européa, e puderam ainda uma vez constatar, com satisfação, que os fundamentos sobre os quaes se basêam a amizade e a estreita colaboração dos dois países permanecem absolutamente solidos, e, bem assim, que existe sobre todos os problemas uma perfeita unidade de vistas entre os dois Govêrnos.

2. O principal objetivo da conferencia de Veneza foi o estudo e a discussão entre Ciano e Csaky das possiveis repercussões na Europa danubiano-balcanica da guerra anglo-franco-germanica, bem como o exame da situação creada com a tentativa de extensão do imperialismo russo à mesma região. Os resultados dessa conferencia foram aqui julgados da maior importancia. A Italia e todos os países interessados na manutenção da paz nos Balcans e na Europa Sul-Oriental observam com o mais alto interesse a avançada russa até os confins magiares realizada logo após a derrota e o esfacelamento da Polonia.

3. Não só a Russia, com o seu imperialismo renascente, ameaça, tambem sob a forma de extensão do bolchevismo, os países balcanicos que constituiam a zona tradicional de sua influencia. Ali, desenvolve a Alemanha grande atividade, não somente porque os países da peninsula representam, hoje, os me-

./.

melhores centros de abastecimento, mas ainda para impedir que os mesmos possam vir a fazer parte do bloco dos países aliados. A pressão alemã aumenta alí, e uma de suas modalidades se apresenta com os acôrdos comerciais forçados que ultimamente vêm sendo realizados. Não são poucos os temores existentes entre os rumenos e entre os hungaros de um possivel ataque contra êles por parte de forças conjugadas, russas e alemãs. Tambem muito se tem falado aqui numa ação da Russia contra a Turquia e contra a Inglaterra, com o apoio da Alemanha.

4. Ouvi de um colega que "a situação da Itália só Deus sabe qual é". Dificil, sem duvida, de definir com precizão e de sobre éla fazer prognosticos, a situação deste país não me parece tão obscura que sobre a mesma deva silenciar. E' notorio que a Itália observa com tranquilidade e bastante otimismo o desenvolvimento da guerra, a repercussão desta nos Balcans, onde é hoje a unica grande potencia. E' certo que a Italia não ficará indiferente no caso de qualquer tentativa contra a paz balcanica. A intervenção italiana, no caso de um ataque à Hungria, parece não oferecer a menor duvida. Tenho ouvido em varios circulos que a solidariedade entre os dois países assumirá a forma de uma verdadeira união que poderia revestir-se do aspeto de uma verdadeira incorporação, como no caso da Albania. Consta que a Hungria, sentindo-se impotente para conter a invasão russa teria solicitado a permanencia em seu territorio de numerosas divisões do exercito italiano e que a Itália estaria disposta a acceder mediante o estabelecimento de uma união absoluta e perpetua entre os dois países. Diz-se que o Regente Horthy continuaria a exercer a Regencia e indicam-se já os regimentos do exercito italiano que estão destacados para seguir para a Hungria.

5. E' fóra de duvida que a atitude assumida pela Itália, desde o inicio da guerra, tem sido o maior elemento para a manuten-

./.

manutenção da paz nos Balcans. Essa paz estaria, entretanto, mais assegurada se os países da peninsula formassem um só bloco. A Italia exerce o seu prestigio sobretudo para pôr termo às dissidencias existentes entre os diversos países da peninsula. A questão das reivindicações magiares e sua solução de acôrdo com a formula mussoliniana da "paz com justiça" está sempre em fóco. Nesse sector, sobretudo, a Itália vem desenvolvendo sua grande, atual influencia no sentido de moderar varias pretenções injustificadas. Pelo que respeita à Hungria e suas reivindicações na Transilvania, parece que o trabalho diplomático italiano conseguiu que o assunto seja estudado pela Rumania dentro do espirito da maior cordialidade.

6. A situação da Rumania é a mais precaria no momento e o apoio da Italia lhe é imprescindivel. De um lado, as aspirações sovieticas sobre a Bessarabia, do outro lado, as pretenções da Bulgaria na Dobrugia, amparadas pelos Soviets; finalmente, a questão da Transilvania. Na previsão de uma invasão russa éla se prepara aceleradamente para a guerra e sob a direção pessoal do Rei Carol realiza um sistema completo de fortificações permanentes contra o ataque de carros de assalto e forças motorizadas. A Itália acompanha de perto a construção desse sistema de fortificações.

7. No dia 10 de Janeiro, terminou o prazo de opção pela nacionalidade alemã ou pela italiana, concedido aos individuos de raça e lingua alemãs das provincias de Bolzano e de algumas zonas de Trento, Belluno e Udine, em virtude do acôrdo direto entre Mussolini e Hitler, a que a Embaixada já se referiu em diversos ofícios. Os resultados divulgados foram os seguintes: de 266.985 individuos admitidos ao exercicio do direito de opção, 186.085 optaram pela cidadania alemã, e, nos termos do acôrdo, terão que deixar definitivamente a Itália até 31 de Dezembro de 1942. Os preparativos desse plebiscito foram realizados de modo a que a popu-

./.

população pudesse manifestar-se com toda a liberdade. A propaganda nazista foi admitida em todas as zonas plebiscitarias, tendo sido verificada a intervenção das autoridades italianas somente nos casos em que a manutenção da ordem o exigia. A legitimidade absoluta do resultado do plebiscito, assim, nunca poderá ser contestada, como não poderá jamais ser contestado o direito que assiste à Italia de tratar como italianos, e somente como italianos, os cidadãos das provincias mencionadas. Com o plebiscito do dia 10, desaparece o principal motivo de constantes dissidencias entre italianos e alemães, as quaes, na provincia de Bolzano, assumiram nos ultimos anos caráter bastante grave.

8. Outro acontecimento a que se deu grande relevo foi a reunião, a 17 de Janeiro, dos Federais das capitais das provincias da Italia central, na qual o Secretario do Partido Fascista, Ettore Muti, fez pela primeira vez, depois que assumiu aquele cargo, importantes declarações. As diretivas do Partido Fascista foram perfeitamente definidas pelo novo Secretario e podem assim ser resumidas: 1) Intransigencia na ação anti-democratica, anti-bolshevista e anti-burgueza; 2(desenvolvimento das realizações autarquicas e a participação nas mesmas de técnicos, profissionais e operários; 3) proseguimento da atual politica de assistencia social; 4) adoção do sistema de racionamento alimentar. Referindo-se à situação internacional, o Secretario do Partido declarou que a Italia fascista póde, em qualquer momento, encontrar-se na necessidade e no dever de empunhar as armas e que os italianos não devem ter demasiadas ilusões sobre a perpetuidade da atual situação da Italia com relação à guerra. A Italia deve estar pronta para qualquer eventualidade, material e espiritualmente.

9. A agressão sovietica contra a Finlandia, e sua repercussão no exterior, vêm ocupando especialmente a atenção da im-

./.

imprensa fascista. As vitorias finlandezas são divulgadas por todos os diarios em grandes titulos em que são glorificados os heroicos defensores da Finlandia. Os jornaes publicam detalhes sobre as perdas sofridas pelo exército russo. Não têm faltado, para demonstrar a simpatia deste povo pela Finlandia, reuniões sociais para socorro aos finlandezes. Atribue-se geralmente a essa atitude o facto do Sr. Gorelkine ter deixado a Italia na vespera da data fixada para a apresentação de suas credenciais de Embaixador da Russia nesta capital, e, bem assim, o chamado a Roma do Embaixador italiano em Moscou, Sr. Augusto Rosso. As relações diplomáticas entre os dois países não foram, entretanto, interrompidas, porque as respectivas Embaixadas ficaram a cargo de Encarregados de Negócios.

10. A reunião do Grande Conselho Fascista realizada neste mês não teve interesse politico, pois, foi destinada somente ao estudo e votação dos novos orçamentos e seu exame melhor se enquadrará no mês economico e financeiro.

Uma terceira via foi remetida pelo correio aereo.

26 MAR 40
SAIDO

EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

NP

RESERVADO

N. 84

Mês politico nº.2.
Fevereiro de 1940.

900.1(95)

S. de E. das Relações Exteriores
Divisão de Comunicações e Arquivo
25 MAR. 1940
No. 4098

A Embaixada do Brasil em Roma tem a honra de remeter à Secretaria de Estado das Relações Exteriores, nos termos da Circular nº.1248, de 17 de Setembro de 1938, o incluso relatorio político do mês de Fevereiro findo.

Roma, 28 de Fevereiro de 1940.

EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL · ROMA ·

G.A.

Iniciou-se o mês com um acontecimento de particular importancia para a Italia: o Convenio de Belgrado reunido no dia 2 com a participação da Grecia, da Yougoslavia, da Turquia e da Rumania. Nessa reunião resolveram esses Estados renovar por sete anos o pacto da "entente" balcanica assinado em Atenas a 4 de Fevereiro de 1934. Nos termos do pacto mencionado, os Estados signatários se obrigam a tomar medidas de defeza comum em qualquer eventualidade em que estejam em jogo os respectivos interesses. Obrigam-se, ainda, os mesmos Estados a não tomar iniciativas politicas comtra outros Estados balcanicos não signatarios do acôrdo, sem consulta prévia, bem como se empenham a não assumir nenhum compromisso politico com qualquer Estado da Peninsula sem o consentimento de todos os signatários do acôrdo.

2. Encerrada a conferência, no dia 5, o Ministro dos Negócios Estrangeiros da Rumania, Sr. Gafencu, leu, na sua qualidade de Presidente do Conselho da "Entente", o comunicado oficial sobre os resultados da reunião. Esse comunicado é um documento precioso no atual momento europeu, pois, é uma demonstração da vontade firme dos países da "Entente" de manterem a paz na peninsula e proseguirem esforços comuns afim de que a mesma possa escapar aos rigores e às desastrosas consequencias da guerra. O comunicado confirma o sincero desejo dos países da "Entente" de desenvolver as atuais relações de amizade com os Estados vizinhos, dentro do espirito conciliante de compreensão mutua e de colaboração pacifica.

3. Com os resultados da conferência de Belgrado parece definitivamente afastada a possibilidade da extensão da guerra

./.

guerra aos Balcans. A ação pacificadora da Italia foi devidamente apreciada nos discursos de Markovics e de Gafencu. A Italia que é, hoje, a única grande potencia nos Balcans, acompanhou com vivo interesse os trabalhos da conferencia, cujos resultados foram aqui julgados bastante animadores para o proseguimento da politica de paz. Tudo, assim, faz prevêr que a peninsula não se deixará envolver na guerra.

4. A ameaça russa à Rumania para recompôr na Bessarabia a situação que ali teve o Imperio Tzarista, não apresenta o mesmo perigo de tres mêses passados. A atitude firme da Italia na sua politica de colaboração com a Hungria e a Rumania e os resultados da conferencia de Belgrado foram os fatores principais desse novo estado de cousas na peninsula. Acredita-se tambem aqui que a Russia, empenhada na guerra da Finlandia que lhe vem custando inúmeros revezes, não está em condições de tentar uma aventura nos Balcans já unidos e tendo de seu lado a potencia militar italiana.

5. A aproximação entre a Hungria e a Rumania foi conseguida pela ação conciliadora desenvolvida pela politica italiana. Tambem se deve a essa política a aproximação entre a Bulgaria e a Grecia e a Rumania. O convenio de Belgrado poude realizar-se dentro do espirito de concordia que foi, sem dúvida, o fator principal do seu sucesso.

6. Não só à politica italiana se deve atribuir a situação atual de harmonia entre os países balcánicos. Deante da ameaça de uma invasão russa, ou germano-russa, aqueles países deixaram adormecer as suas reivindicações territoriais para cuidarem da defesa comum. Assim, as reivindicações húngaras na Rumania, as da Bulgaria na Dobruja rumena, o acesso ao mar Egéu, que é a mais antiga reivindicação búlgara na Grecia, - são tantos problemas paralisados em virtude da guerra.

./.

guerra.

7. A situação da Italia com relação à guerra não sofreu nenhuma alteração no mês em exame. Antes, nesse periodo mais se tornou evidente a vontade deste povo de manter-se alheio ao conflito que na próxima primavera, como tudo faz prevêr, assumirá as proporções gigantescas que se podem esperar do choque entre os dois maiores exércitos do mundo. A atitude assumida pela Italia, desde o inicio do conflito, lhe confere uma situação privilegiada no Continente, onde éla é a única grande potencia não beligerante. Essa atitude permite à Italia o desenvolvimento rápido de suas grandes industrias, e pela sua situação geográfica, de se tornar o escoadouro das exportações dos países visinhos e o intermediário para as suas importações. O fator económico é mais um elemento ponderavel para a manutenção da atual situação da Italia.

8. A atividade dos aliados no Oriente próximo é, entretanto, motivo de preocupações. A viagem do General Weygand ao Egito causou certo alarme em vários circulos, sobretudo pelos telegramas que, acerca dessa viagem, foram expedidos do Cairo, de Paris, de Londres e de Berlim. A imprensa, porém, não tem feito comentários, limitando-se a publicar os telegramas sob o titulo "O enigma oriental". Mas, em geral, se considera aqui a situação no Oriente como perigosa para a Italia, conservando-se, entretanto, este Govêrno na mais absoluta reserva com relação aos acontecimentos que ali se desenvolvem e à creação de um grande exercito sob o comando de Weygand.

9. Outro acontecimento a que a imprensa deu grande relevo foi a visita realizada a esta capital e às principais cidades italianas pelo Chefe da "Juventude Rumena", Sr. Sidorovitch. A aproximação italo-rumena foi exaltada por ocasião dessa visita.

10. A chegada a Roma do Sub-Secretario de Estado dos Ne- ./.

Negocios Estrangeiros dos Estados Unidos da America, Senhor Sumner Welles, e a conferencia que o mesmo teve com o Chefe deste Governo foram assuntos de que se ocupou esta Embaixada em recente despacho telegrafico à Secretaria de Estado e nada me parece dever acrecentar aqui sobre o assunto.

P. Luiz Vidal

Uma terceira via foi remetida pelo correio aereo.

ARQUIVO
02 MAI 40
SAIDO

EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

RESERVADO

N. 130

Mês politico nº.3.
Março de 1940.

S. M. E. Das Relações Exteriores
Divisão de Comunicações e Archivo
2 MAIO 1940
N.º 5820

900.1(96)

A Embaixada do Brasil em Roma tem a honra de remeter à Secretaria de Estado das Relações Exteriores, nos termos da Circular nº. 1248, de 17 de Setembro de 1938, o incluso relatorio politico relativo ao mês de Março de 1940.

Roma, 30 de Março de 1940.

Entre os acontecimentos politicos verificados no mês em exame, cumpre-me assinalar em primeiro lugar, obedecendo à ordem cronológica dos mesmos, a questão do embargo imposto pelas potencias aliadas ao transporte do carvão procedente da Alemanha e destinado à Italia. O transporte por via terrestre de cerca de 14 milhões de toneladas de carvão se apresentara impraticavel dadas as deficiências das estradas de ferro, quer quanto ao número do material rodante, quer quanto à capacidade das linhas em trafego. Assim, fora resolvido entre a Italia e a Alemanha que o carvão alemão seria embarcado em Rotterdam e dahi transportado a portos italianos, em navios italianos. Cuidavam, assim, italianos e alemães, continuar normalmente seu tráfico. Mas, a situação já havia mudado. A aplicação do embargo sobre as mercadorias alemãs, decretado pelas Potencias aliadas, em Dezembro último, havia sido retardada com relação à Italia para que essa pudesse procurar em outros paizes os produtos de que carece a sua economia, entre os quaes o carvão ocupa o primeiro lugar.

2. Decorridos, porém, cerca de tres mêses daquele decreto, entenderam a França e a Gran-Bretanha que a situação privilegiada não poderia permanecer sem que dela surgissem graves riscos para os resultados visados pelo decreto de Dezembro, e passaram a aplicar à Italia as medidas gerais de embargo, consideradas indispensaveis ao bloqueio economico da Alemanha. Em virtude dessa resolução, as Potencias aliadas comunicaram à Italia que os quatorze navios que deviam partir de Rotterdam com destino aos portos italianos, carregando carvão procedente da Alemanha, seriam impedidos pelas naves britânicas de proseguir viagem caso tentassem atingir os portos

portos italianos. Não obstante essa comunicação, seis cargueiros dentre os 14, que se encontravam em Rotterdam, deixaram aquele porto, mas foram imediatamente interceptados pela marinha de guerra britânica que os fez volver ao ponto de partida.

3. A atitude dos Aliados, como era de prevêr, causou geral indignação, tendo sido considerada como uma provocação, pela imprensa fascista. As constantes declarações dos franco-inglêses de que a adopção do embargo sobre as exportações alemãs representava uma medida de represalia contra as violações sistemáticas do direito internacional levadas a efeito pela marinha alemã com o torpedeamento de navios mercantes sem aviso prévio, colocação de campos de minas em desacôrdo com as Convenções da Haya, não conseguiram atenuar a indignação que a medida aliada provocou. Este Govêrno lançou imediato protesto por intermédio da sua Embaixada em Londres e declarou que o Gentlemen's Agreement anglo-italiano de 1938 seria grandemente afetado com a medida. Em resposta, fez vêr o Govêrno inglês a impossibilidade em que se achava de continuar a aplicar à Italia um tratamento diverso do que vem sendo aplicado a outros países; declarou que a medida não visava prejudicar os reaes interesses da Italia e prontificou-se, mesmo que fosse preciso abrir novas minas, abastecer a Italia do carvão de que necessita.

4. Minha impressão, pelo que colhia nos meios oficiais e nos circulos diplomaticos era que o incidente com a Inglaterra não traria para a Italia maiores consequencias e os acontecimentos vieram demonstrar que não me enganara. O incidente terminou satisfatoriamente com a permissão dos inglêses de deixarem partir os navios já carregados reservando-se comtudo o direito de deter quaesquer outros que transportem carvão alemão.

5. Nos dias 10 e 11 de Março realisaou se a visita a Roma do Ministro dos Negócios Estrangeiros da Alemanha Von Ribbentrop. O comunicado oficial sobre as entrevistas de Ribbentrop com Sua Majestade o Rei Imperador e com o Chefe deste Govêrno e o seu Ministro Estrangeiros foi o seguinte: "O Rei Imperador recebeu esta manhã em audiencia privada Von Ribbentrop, Ministro dos Negócios Estrangeiros da Alemanha, o qual se fez acompanhar do Embaixador Von Mackensen e do Chefe do Cerimonial do Ministerio dos Negócios Estrangeiros. O Duce recebeu na presença do Conde Ciano e do Embaixador Von Mackensen, o Ministro do Exterior da Alemanha Von Ribbentrop e o entreteve em cordial coloquio durante uma hora e meia. As conversações entre o Duce e o Senhor Ribbentrop tiveram por objeto o exame da situação internacional e se desenvolveram dentro do espirito e das linhas do pacto de aliança e dos acordos existentes entre a Itália e a Alemanha." Muitas conjeturas se fizeram acerca dessa visita, porém, a que me pareceu mais acertada foi a que a atribuiu ao desejo da Alemanha, em véspera talvez de grandes decisões, de saber com segurança até que ponto pode contar com o apoio e a solidariedade da Italia. Devo salientar que toda a imprensa insistiu em seus comentarios na declaração de que a visita de Ribbentrop não representou nenhum acontecimento particular, foi, antes, uma consequencia lógica do acôrdo italo-germanico conhecido pela denominação de "Pacto de Aço". Ao mesmo tempo em que insistia nessa declaração, a imprensa repetia que a atitude da Itália fixada na ordem do dia do Grande Conselho Fascista, de 8 de Dezembro de 1939, permanecia inalterada.

6. Após as visitas ao Rei Imperador e ao Chefe do Govêrno, Von Ribbentrop foi recebido por Sua Santidade Pio XII. O anuncio dessa visita foi divulgado pelo radio, e, pode-se dizer, inesperadamente. A primeira interpretação a atribuia a uma iniciativa exclusivamente diplomática, ou melhor de cortezia diplomá-

diplomática, visto que a Alemanha é representada no Vaticano e estava em Roma o seu Ministro dos Negócios Estrangeiros. Outros atribuiram a visita a um gesto de delicadeza para com a Itália, dadas as intimas relações que a mesma mantem com a Santa Sé. Essas deduções, é claro, não podiam satisfazer aos que acompanham de perto a situação dos católicos na Alemanha. Maior relevo foi dado a essa visita depois da noticia divulgada de que a audiência fora solicitada pelo Govêrno alemão.

7. A reserva absoluta em que se conservaram os circulos do Vaticano, e a discreção adotada pela imprensa italiana, não permitiram deduções sobre essa visita, e nada se pode saber de positivo sobre o coloquio entre Pio XII e Ribbentrop. Mas, o fáto da audiencia ter sido solicitada com grande antecedência, como se poude saber nos círculos do Vaticano, demonstra a existencia de um argumento a tratar. Alguns afirmam que a visita de Ribbentrop a Sua Santidade foi combinada por ocasião da audiência entre Hitler e o Nuncio Apostólico em Berlim. O que parece certo é que entretendo-se com Sua Santidade por mais de uma hora e com o Secretário de Estado, 40 minutos, não somente as relações entre a Santa Sé e o Reich foram discutidas; mas tambem os projetos de Sua Santidade para uma reorganização definitiva do mundo nas linhas de uma paz justa e inspirada na caridade de Cristo.

8. No dia 18 Mussolini e Hitler se encontraram no Brennero. Essa entrevista realizada inesperadamente, durou hora e meia. Tambem essa entrevista foi apreciada pela imprensa como uma consequência lógica da politica do Eixo, da aliança e dos acôrdos italo-germanicos. Apesar disso, a entrevista dos dois Chefes de Estado teve a maior repercussão no Continente. Muitos críticos ligaram à entrevista aos planos de paz do Vaticano, bem como à missão de Sumner Welles na Europa. O orgão oficioso "Relazioni internazionali" contesta essas atribuições afirmando que quem conhece Mussolini sabe que ele age só, completamente só, baseado nos

nos elementos que lhe proporcionam os fátos e as situações. E' do mesmo orgão a seguinte frase que transcrevo no original italiano: "Egli gioca le sue carte realisticamente e non ha bisogno dei piani altrui, sia pur anche notevoli e rispettabili, e nella sua solitudine, circonfusa di umanità, egli ha il suo piano; e ciò è nel sistema di Mussolini."

9. Emfim, sobre o encontro dos dois Chefes de Govêrno no Brennero a imprensa se esforçou por fazer crêr que, apesar da sua manifesta importancia, ele não teve nenhuma relação com qualquer missão intercontinental, bem como com qualquer plano de paz. Insistiram tambem os jornais na afirmação de que a conferência não teria como resultado a modificação da atitude da Italia com relação à guerra. O jornal "Il Telegrafo", de Livorno, de propriedade do Ministro dos Negócios Estrangeiros, apreciou de igual modo a entrevista do Brennero.

10. Sobre as visitas do Secretario de Estado Sumner Welles, representante especial do Presidente Roosevelt, já tive ocasião de me referir em diversos despachos telegráficos e entendo não dever repetir aqui o que nos mesmos expuz a Vossa Excelência.

11. A conclusão da paz russo-finlandêsa foi aqui geralmente julgada uma fatalidade. A noção de que as tropas do Marechal Mannerheim não seriam suficientes para salvar a Finlandia da derrota final, generalisara-se. O heroismo do soldado finlandês não deixou jamais de ser enaltecido pela imprensa fascista. As vitorias finlandêsas ocuparam sempre grande espaço nos jornais onde eram descritas em seus minimos detalhes; consideraram eles a atitude negativa da Suecia e da Noruega e o obstaculo que essas nações opunham à prestação de qualquer socorro por parte das potencias aliadas. Tudo aconselhava a aceitação das propostas de paz da Russia. A continuação da luta não teria nenhum resultado pratico e seria, tal-

talvez, um meio de provocar a extensão do atual conflito anglo-franco-germanico, e essa extensão se contrapõe à politica italiana, cuja finalidade é a localisação da guerra nos seus limites atuaes. Consideraram que a honra para a Finlandia estava salva pelo heroismo dos seus soldados. Emfim, assinalara a imprensa que o Baltico é novamente um mar russo, como foi idealisado e realisado por Pedro o Grande, e como era, de fáto, em 1914.

12. A opinião da imprensa, resumida nas linhas acima, não representava perfeitamente a opinião popular. A invasão do pequeno país pela Russia soviética produziu geral revolta e indignação. Uma prova disso foram as frequentes manifestações populares em favor da Finlandia verificadas nesta capital, bem como em numerosas cidades da Italia. Não é segredo para ninguem que certas partidas de material de guerra seguiram da Itália para Helsinki. Um oficial do exercito finlandês, hospedado num dos hoteis desta capital, declarou em conversa a um patricio nosso que estava realisando a compra de material bélico italiano, e declarou mais que o material era pago no momento da acquisição.

13. Os ataques à Russia pela imprensa fascista durante os primeiros mêses da luta, cessaram na última fase desta. Uma vez mais se verificara a solidariedade da imprensa deste país com a do Reich.

14. Para terminar esta crónica politica do mês, devo referir a visita à Italia do Conde Teleki, Presidente do Conselho da Hungria. A imprensa divulgou que essa viagem era de caráter absolutamente privado, não teria nenhum objetivo politico. Mas, o fáto é que Teleki teve longas conferências com Mussolini e Ciano e nessas conferências a situação do Sud-Est do Continente não poderia deixar de ser examinada. O comunicado oficial anunciou que os dois Govêrnos estavam decididos a tornar mais eficiente sua colaboração na base e nos limites do Pacto de amizade firmado ha

ha treze anos. Essa amizade, diz o comunicado, se concilia perfeitamente com as relações existentes entre a Italia e a Alemanha e entre a Alemanha e a Hungria, do mesmo modo que com as existentes entre a Italia e a Iugoslávia. Concluindo, o comunicado afirma que os dois Govêrnos estão decididos, especialmente nas condições atuais, a coordenar a sua ação afim de que não seja alterada a paz nas zonas danubiana e balcanica. Comentando a visita de Teleki, o "Messaggero", desta capital, declarou que nenhum fáto novo, compreendido o encontro do Brennero, foi verificado, que lograsse alterar a situação politica na Europa danubiana e sul-oriental, determinada e esclarecida nas entrevistas de Veneza entre o Conde Ciano e o Conde Czaky, em Janeiro último. Afirmou o mesmo jornal que em toda a zona compreendida entre o Danubio e o Mediterraneo, a politica mussoliniana é uma politica de paz. Segundo o "Popolo di Roma", não ha entre a Itália e a Hungria nenhum ponto a esclarecer; que a amizade com a Hungria e a Iugoslávia é fundamental para a politica italiana.

15. Muito se tem falado, ultimamente, de uma iniciativa alemã acerca da formação, em um bloco, das tres potências Alemanha-Russia-Italia, com o fim de proteger os países balcanicos. Não parece, ao menos por emquanto, que tal iniciativa possa lograr exito. A limitação da independencia politica e economica dos pequenos Estados da Peninsula seria, é bem de vêr, o resultado imediato de uma união com esse fim. Os húngaros têm bem presente a trágica experiência de Bela Kun e é certo que não aceitarão de braços abertos uma proteção dos Soviets. A posição da Hungria está bem definida; a neutralidade húngara com relação à guerra tem o mesmo caráter que a "não-beligerância" da Italia. Desde que foi concluido o primeiro tratado de amizade italo-húngaro, a politica do Govêrno de Budapest é feita de acôrdo com Roma. A Itália foi a primeira potencia a socorrer a Hungria, a facilitar-lhe um re-

resurgimento económico e seu apoio foi sempre procurado pelos húngaros para suas reivindicações nacionaes, mais precisamente, para a revisão das clausulas territoriaes do Tratado de Trianon. A Italia, por sua vez, tem o maior interesse em que a Hungria mantenha a sua independência para, assim, melhor servir aos interesses de sua expansão nos Balcans e no Oriente próximo.

16. As declarações feitas pelo Conde Teleki à "Tribuna", desta capital, não acrescentam nada ao comunicado oficial ao qual já me referi em suas linhas geraes. O Presidente do Conselho húngaro assinalou simplesmente que a atitude da Hungria foi definida de acôrdo com as necessidades superiores européas; que ela é paciente e que mais vale falar o menos possivel de certas questões delicadas. Teleki deixou transparecer nessas declarações que os problemas territoriaes hungaro-rumenos serão adiados. Outra declaração de Teleki é a que se refere às relações entre húngaros e iugoslavos, que ele afirmou serem bôas mas suscetiveis ainda de serem melhoradas. A dedução que se pode tirar da presente situação nos Balcans é que o Pacto triangular germano-italo-russo tem minimas probabilidades de éxito. Teleki teve tambem uma longa entrevista com Sua Santidade, a que os jornaes deram larga divulgação. Essa entrevista foi a mais cordial possivel e para isso muito contribuiu a circunstância de ter sido o atual Papa o Legado Pontificio de Pio XI no Congresso Eucaristico de Budapest. Tenho bem de memoria que o Regente da Hungria, por ocasião daquele Congresso, fez absoluta questão de hospedar Pacelli no Palacio Real e prestou-lhe as maiores homenagens jamais prestadas na Hungria a outro emissario.

17. Como se vê, pelo que expuz acima, Teleki, apesar de suas declarações, de que viera à Italia em simples viagem de recreio, fez aqui evidente obra politica.

P. Leão Veloso.

(Seguiu uma cópia por via aérea)

ARQUIVO
17 JUN 40
SAIDO

EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

NP

RESERVADO

N°. 174

Mês político n°. 4.
Abril de 1940.

900.1/96

S. DE E. DAS RELAÇÕES EXTERIORES
Divisão de Comunicações e Archivo
7 JUN. 1940
N.º 7650

A Embaixada do Brasil em Roma tem a honra de remeter à Secretaria de Estado das Relações Exteriores, nos termos da Circular n°. 1248, de 17 de Setembro de 1938, o incluso relatorio político relativo ao mês de Abril de 1940.

/1

Roma, 1° de Maio de 1940

Nêste mês, mais do que nos anteriores, circularam com insistencia boatos de guerra iminente. Dizia-se que a Alemanha como consequencia do insucesso inicial de suas armas na Escandinavia e da destruição de grande parte de sua marinha de guerra, teria feito novo apêlo à Itália para que esta abandonasse a sua situação de"não beligerante" e se colocasse a seu lado, executando, assim, o pato militar existente entre os dois países. Para a circulação daqueles boatos forçosamente terá contribuido tambem a divulgação pela imprensa do projeto de lei relativo à organisação do país em tempo de guerra.

2 Entregue à publicidade no dia 6, aquele projeto causou certo panico, sobretudo na parte da população que não está ao corrente do que se passa em outros países visinhos ao teátro da guerra. De fato, as medidas que o projeto determina não diferem das que, com o mesmo objetivo, têm sido adotadas naqueles países. Todos os cidadãos, inclusive as mulheres e os adolescentes desde que tenham completado 13 anos de idade, têm o dever de concorrer para a defesa da Nação e estão sujeitos à disciplina de guerra. É prevista a creação de numerosas repartições para o serviço da mobilisação civil, e no projeto de lei são já indicados os locais em que as mesmas terão sua séde. Uma repartição funcionará junto à Presidencia do Consêlho, outras juntas aos diversos Ministérios, às Prefeituras e às Comunas. Em cada uma das fabricas e usinas que trabalham para a defesa nacional será creado tambem um serviço de mobilisação.

3 O projeto de lei mencionado, contem ainda uma serie de medidas sôbre requisições e racionamentos dos generos de primeira necessidade e reguladoras da diciplina do consumo.

consumo. Enfim, estabelece medidas gerais para a perfeita coordenação da mobilisação militar com a mobilisação civil, em tempo de guerra. A êsse projeto está intimamente ligado um outro relativo à Comissão Suprema de Defesa. Creada sob a forma de uma organisação interministerial, essa Comissão tem como principal objetivo a coordenação, o estudo e a resolução de todas as questões concernentes à segurança e à defesa da Nação, à mobilisação da Nação para a guerra e ao desenvolvimento e à melhor utilisação de todos os recursos e de todas as atividades do Estado para a sua defesa. Compõe-se a Comissão de um Comité deliberativo formado pelo Chefe do Govêrno, pelos sub-secretarios de Estado para as forças armadas, pelo Sub-secretario para os negócios albanêses, pelos Marechais da Itália, pelos Chefes dos Estados Maiores do Exército, da Marinha e da Aeronautica, pelo Inspetor das forças de Além Mar, pelo Secretario Geral da Comissão da Defesa e, finalmente, pela Comissão das industrias de guerra. Os orgãos consultivos são os seguintes: o Consêlho do Exército, o Comité dos Almirantes, o Consêlho do Ar, o Consêlho Nacional de Pesquisas, a Comissão Geral para as Industrias de Guerra. A Comissão Suprema da Defesa terá um Secretario Geral dependente, diretamente, do Duce.

4 Determina êsse projeto de lei que a mobilisação, quer seja geral, quer seja parcial, será feita por Decreto Real, sob proposta do Duce, em seguida a uma deliberação do Consêlho de Ministros. Determina, ainda, que a mobilisação civil se procederá com a simples passagem do estado de paz para o de guerra das administrações públicas e dos serviços e organismos necessarios à vida, à resistencia e à defesa da Nação. O artigo 17 do projeto determina que, para qualquer ação a ser exercida no exterior do país, os Ministérios deverão se

se dirigir ao Ministério dos Negócios Estrangeiros ao qual incumbe a coordenação e o contrôle no exterior das organisações da Defesa.

5 O mês de Abril caracterisou-se tambem pela recrudecencia dos ataques da imprensa aos Aliados. Nêsses ataques, ora eram acusados os franco-britanicos de quererem arrastar à guerra os países neutros, de tentarem realisar um desembarque na Escandinavia, de organisar exercitos no Oriente Próximo, ora de pretenderem provocar uma ofensiva de paz nos Balcans, ou de pretenderem transformar o Mediterraneo num mar de sangue. Êsses ataques da imprensa fascista se verificaram antes da ocupação da Dinamarca e da Noruega pelos alemães. Depois dessa ocupação não mudaram de tom os jornais. Os sucessos guerreiros na Noruega só são publicados quando favoraveis aos alemães. A grande batalha naval em que foi tão duramente sacrificada a marinha de guerra alemã foi apresentada como uma grande vitória para a Alemanha. E as noticias irradiadas não fazem senão repetir o que dizem os jornais. No campo da publicidade, pelo menos, está em plena execução o "Pato de Aço".

6 Os aliados são tambem acusados pela imprensa de fazerem unicamente a guerra economica, a que êles chamam de guerra do ouro, do petrolio e do carvão. Já, durante a guerra da Finlandia haviam acusado a Inglaterra e a França de não correrem em socorro daquele país. Eram tambem acusados os aliados de violarem a neutralidade dos países escandinavos com o objetivo de cercar a Alemanha. Não faltaram tambem acusações pelo fato de não terem os aliados declarado a guerra à Russia. Enfim, o apoio da imprensa fascista à ação alemã é a mais completa. Mas, os exageros da defesa levam tambem à desconfiança e ao descredito. Uma prova disso está bem evidente na prefe-

preferencia do público pelo orgão do Vaticano o "Osservatore Romano" o qual, segundo ouvi, está com uma circulação diaria de 120 mil exemplares. Esse importante diario romano tem examinado com imparcialidade os acontecimentos, sem descuidar todavia os interesses da Itália, quando os mesmos se acham em jogo.

7 Logo no inicio do mês, o Ministro dos Negócios Estrangeiros da Russia se referiu em discurso à política da Itália nos Balcans, especialmente a respeito da Albania e do Adriatico. A imprensa fascista não deu a menor publicidade ao discurso de Molotov, naturalmente no intuito de evitar uma polemica com a Russia no momento em que, segundo se diz a Alemanha se esforçava para realisar uma aliança triangular Roma-Berlim-Moscou. Quaisquer ataques das imprensas fascista e nazista à Russia traria de certo vantagens para as Democracias. O"Osservatore Romano", entretanto, fez alguns comentarios àquele discurso, afirmando que os protestos de amizade de Molotov, dirigidos à Alemanha, contrastam com as declarações do mesmo Molotov condenando a anexação da Austria e da região dos Sudetos. De fato, ha pouco mais de um ano, por ocasião da reunião do Congresso dos Soviets, e para justificar as negociações Anglo-Franco-Russas, êle combateu a política de agressão da Alemanha em termos precisos e energicos quando disse textualmente; "Nós nos encontramos diante dos resultados bem conhecidos da política dos povos agressores; de um lado, é a política de não intervenção dos países democraticos ; de outro lado, vemos surgir os resultados obtidos com a política da agressão". Fazendo a critica dêsse discurso de Molotov, pergunta o critico do "Osservatore Romano", o que se teria passado no decorrer de um ano apenas para que todos os valores e todas as palavras tenham uma significação oposta, pois que, as conquistas então

então denunciadas por Molotov, se estenderam largamente.

8 Teve grande repercussão na Itália o discurso pronunciado por Chamberlain no começo do mês e no qual, êle divulgou a vontade dos Aliados de dar ao bloqueio a maior eficiencia possivel de intensificar por todos os meios a ação contra a Alemanha no terreno economico. Dizia-se que as declarações do primeiro ministro britanico, a êsse respeito, marcariam uma nova e decisiva faze na evolução sa situação internacional. Ouvi em diversos circulos diplomaticos, que a agravação eventual das medidas que limitam já a liberdade do comercio dos neutros tornaria a situação cada vêz mais delicada. Sobretudo o contrôle das importações dos países visinhos da Alemanha que teria por base as necessidades normais dêsses países, comprovadas pelas estatisticas dêstes últimos anos, provocou, aqui, as mais vivas criticas.

9 Não obstante os ataques dirigidos às democracias pela imprensa fascista, a atitude da Itália com relação à guerra não sofreu alteração. A revista "Critica Fascista" que é dirigida pelo ministro da Instrução Pública o Sr, Bottai, afirma que a Itália, mesmo depois do incontro do Brenero, permanece na sua política de"não beligerante", e que nenhum fato aconselha o abandono dessa atitude, seja para a guerra ou para a paz, e acrecenta que a não beligerancia da Itália se concilia, perfeitamente, com os patos e as clausulas de sua aliança com a Alemanha, que o eixo é a base do equilibrio europeu atual e funciona de conformidade com os seus fins revisionistas que constitue sua principal função. A manutenção da ordem nos Balcans é naturalmente um dos seus objetivos principais.

10 A manutenção da ordem nos Balcans é considerada fundamental para que a Itália permaneça na sua atual atitude

atitude de alheiamento no conflito Anglo-Franco-Germanico. Está mesmo no consenso geral que sómente a extensão da guerra aos Balcans levará a Itália a mudar de atitude. Mas, não se pode afirmar que, de um momento para outro, um fato novo não venha arrastar a peninsula à guerra, pois, é evidente que a Alemanha vem empregando, ali, seus processos de pressão comercial que os aliados combatem, utilisando seus recursos economicos, incomparavelmente maiores.

11 A mudança do Gabinete britanico foi aqui atribuida, pela imprensa, como uma satisfação dada a todos que, na Inglaterra, apelavam para uma ação mais energica na guerra. Procurou revelar, sobretudo, a imprensa, a nova missão confiada ao Sr. Churchill. O jornal "Popolo di Roma" assinalou que a nova combinação ministerial se caracterisa pela absoluta predominancia do Almirantado, e, consequentemente do Sr. Churchill sôbre os outros departamentos militares. Como resultado dessa mudança ministerial, concluiam os jornais, a agravação da pressão diplomatica e economica dos Aliados sôbre os países neutros teria que manifestar-se afim de impossibilitar a Alemanha de reconstituir os estoques dos produtos indispensaveis aos seus fins de guerra.

12 Outro acontecimento que me cumpre assinalar é a nomeação do novo Embaixador da Itália em Berlim, que recaíu no atual Embaixador junto à Santa-Sé e ex-Ministro da Propaganda, Sr. Dino Alfieri. Essa nomeação foi aqui interpretada como uma nova demonstração da política do Govêrno de estreitamento das relações com a Alemanha, pois, Alfieri é um dos membros de maior prestigio do partido fascista, e seu germanofilismo é bem conhecido. O atual Embaixador em Berlim, Sr. B.Atolico foi transferido para a Santa-Sé.

P. Leão Veloso

(Seguiu uma copia por via aerea)

ARQUIVO
31 OUT 40
SAIDO

EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

S. DOS NEGS. ESTRANGEIROS
SERVIÇO DE COMUNICAÇÕES
30 OUT. 1940
Nº 14125

RESERVADO

N.208

Mês politico nº.5.
Maio de 1940.

900.1(96)

A Embaixada do Brasil em Roma tem a honra de remeter à Secretaria de Estado das Relações Exteriores, nos termos da Circular nº.1248, de 17 de Setembro de 1938, o incluso relatorio politico relativo ao mês de Maio de 1940.

Roma, 5 de Junho de 1940.

INTRODUÇÃO, REDIGIDA PESSOALMENTE PELO CHEFE DA MISSÃO, AO RELATORIO POLITICO MENSAL DESTA EMBAIXADA.

Com a entrada da guerra, durante o mês de Maio findo, em uma nova fáse - isto é, de operações militares em grande escala contra o sector da França - era natural a aceleração do ritmo da orientação da Italia no sentido de uma mudança de atitude para com os adversarios do Reich.

Terá havido relação entre a expectativa da intervenção da Italia na guerra e o contáto que, atravez da Embaixada americana em Roma e da Embaixada italiana em Washington, o Presidente Roosevelt procurou estabelecer com o Chefe deste Governo ? Essa é a crença geral, especialmente no estrangeiro, pois neste país, como é obvio, a imprensa não foi autorisada a publicar uma unica linha sôbre o assunto. Correu o rumor de que, na sua tentativa de evitar a extensão do conflito, pela participação da Italia, o Presidente Roosevelt fizera a este Governo propostas vantajosas, de caráter comercial. Correram tambem outros rumores, de propostas daquele genero, acompanhadas de intimidações. A respeito, porem, do contáto mantido ultimamente entre o Presidente Roosevelt e Mussolini, sobre a situação européa, só uma coisa é absolutamente certa: a extrema reserva mantida pela Embaixada americana em Roma.

O mais interessante, com referencia à orientação da politica de guerra italiana, foi a necessidade de fundamentar a hostilidade à França e à Inglaterra, à guisa de preparação à atitude a ser adotada. Isto é, fundamentar a sua hostilidade com motivos novos que justificassem o abandono da não-beligerancia, até então mantida. Mussolini, primeiramente, entre as paredes do Palazzo Venezia, num discurso breve, aos Dirigenti Sindacali, expoz a determinação de imprimir outro rumo à politica italiana, na fáse em que devia

devia entrar a guerra. Já existia o relatorio do Ministro Pietromarchi, redigido, ao que consta, desde o mês de Novembro do ano passado. A esse último, dias depois, foi dada a mais ampla divulgação, para estimular o sentimento popular.

A publicação do relatorio do Ministro Pietromarchi, alto funcionario do Ministerio dos Negocios Estrangeiros, sobre os vexames causados à soberania italiana e ao comercio deste país devido ao controle naval franco-britanico, foi positivamente o sinal da agitação contra a França e a Inglaterra. Esta ultima não se fez esperar, visivelmente encomendada e preparada. Isso coincidia com a invasão da Holanda e da Belgica pelos alemães. A cidade, no dia 11 de Maio, amanheceu coberta de cartazes contra aquelas duas nações, mostrando o seu fracasso nos esforços feitos para vencer a Alemanha. A colocação dos cartazes foi acompanhada de manifestações nas ruas, em Roma e em toda a Italia, inclusive por creanças de colegio. Seguiram-se incidentes entre inglêses residentes em Roma - até mesmo um membro da Embaixada - e a população. As duas Embaixadas, britanica e francêsa, foram alvo de demonstrações hostis. A colocação de cartazes, aliás, embora tivessem cessado as manifestações, continuou até hoje, especialmente contra a França: um deles representando a Corsega, como terra italiana, e o outro a Tunisia, como uma ameaça diréta à Sicilia.

Quando se deu a invasão da Holanda e da Belgica, o Papa, conforme esse Ministerio está informado, dirigiu telegramas aos Soberanos daqueles dois países, em resposta ao apêlo que os mesmos lhe haviam feito. Já ha certo tempo existia, por parte especialmente do jornal "Regime Fascista", de Rodolfo Farinacci, uma campanha violenta contra o "Osservatore Romano", que acabou se extendendo ao Vaticano, sob o pretexto da condemnação pela Igreja das obras do escritor Alfredo Oriani, falecido em 1909 - sorte de precursor do nacionalismo sob a sua presente forma fascista. O

O motivo verdadeiro era a atitude do Vaticano e do seu orgão, em relação à Alemanha - atitude, aliás, das mais corrétas, desde que se considere a posição da Igreja em face da presente guerra. A publicação dos telegramas do Papa, no momento acima descrito, deu logar, não só à suspensão, devido a incidentes repetidos, da circulação do "Osservatore Romano", como a manifestações contra a Igreja, que causaram profunda impressão a todos aqueles que pensam na posição do Vaticano, na hipotese da intervenção da Italia no conflito auropeu. Em Milão, por exemplo, foi atacada, e teve que ser defendida pela força publica, a Universidade Católica. É verdade que o "Osservatore Romano" está novamente circulando, mas reduzido à sua expressão mais simples como jornal.

Esses fátos - a divulgação do relatorio do Ministro Pietromarchi, a agitação contra a França e a Inglaterra e os incidentes a proposito do "Osservatore Romano" - eram sinais positivos da aceleração do ritmo da orientação que, no conceito geral, devia conduzir a Italia à guerra. As noticias sobre os resultados da ofensiva tomada pela Alemanha contra as forças aliadas na França, depois da invasão da Holanda e da Belgica, não podiam ter por efeito moderá-lo. A grave desfeita sofrida pelo exercito francês no Mosa; a posição critica em que, à vista do rompimento das linhas de defêsa do mesmo exercito, ficavam as forças aliadas, belgas, inglêsas e francêsas, na Belgica e nos Flandres, eram acontecimentos aqui encarados como correspondentes ao colapso proximo do poder de resistencia ao chóque dos alemães. Parecia chegado o momento da Italia, sem grandes riscos, surgir em scena, para dar o golpe final e realisar todas as suas velhas reivindicações morais e territoriais.

Estava-se em 19 de Maio, dez dias apenas depois de haver começado a grande ofensiva alemã. As manifestações em toda a Italia, contra a França e a Inglaterra - e já claramente a favor

favor da guerra - proseguiam. O Conde Ciano, Ministro dos Negocios Estrangeiros, seguiu para o norte. Visitou Cremona, onde ostensivamente se mostrou em publico de braço dado com Rodolfo Farinacci, o autor da campanha contra o "Osservatore Romano" e o Vaticano. Depois, em Milão, na Praça do Dómo, pronunciou um discurso breve, mas altamente significativo, que se enquadrava perfeitamente no ambiente creado em todo o país, acenando francamente à entrada da Italia em guerra, para realisar as suas reivindicações e por dever do seu prestigio de grande potencia.

O discurso causou profunda impressão. Marcava, no conceito geral, o abandono da atitude de não-beligerancia, mantida pela Italia. Foi lançada a expressão de pre-beligerancia, para definir a nova posição assumida pelo país. Durante a tarde de 20 de Maio, em Roma, esperou-se que Mussolini, deante de um comicio de 300 mil pessoas, anunciasse ao povo a guerra contra a França e a Inglaterra.

É verdade que, durante todo esse tempo de agitação, de recriminações contra os aliados e de aplausos ardentes aos triunfos alemães, proseguiam as negociações, entre a Italia e a Inglaterra, para um acordo sobre o controle naval exercido por essa ultima. As negociações foram mesmo, nesse intervalo, concluidas. O delegado britanico, de regresso a Londres, referiu-se publicamente aos seus resultados satisfatórios. O fáto não correspondia aos sinais aparentes dos sentimentos da Italia e do seu Governo. Os que observavam o desenrolar dos acontecimentos estavam perplexos. Mas, de repente - no dia 26 de Maio - as negociações foram rompidas, por iniciativa da Italia.

As manifestações na via publica, contra a França e a Inglaterra, cessaram ultimamente. Cessaram como haviam começado, com a mesma disciplina. Foram colados novos cartazes. Mas é tudo. O aspeto de Roma, à hora em que a introdução a este relatorio é escrita, é de uma calma absoluta. Os sinais de que a Italia deseja

deseja entrar em guerra consistem, sobretudo, na sua ativa preparação militar; na chamada de homens às armas - embora não tivesse sido decretada a mobilisação; no embarque e deslocação de tropas; em uma serie de medidas de caráter interno, etc. Ao mesmo tempo, é divulgada uma serie de petições, por parte de varias organisações nacionais, em favor da intervenção armada da Italia. Os mutilados das outras guerras, pelo orgão de sua associação, manifestaram o desejo de combater na primeira linha.

Sem duvida, a hora grave da intervenção da Italia se aproxima. As probabilidades em contrario são minimas, embora seja possivel, de acordo com certos rumores, que ainda existam. A ultima versão é que a Italia entrará em guerra depois do dia 10. Existem, com efeito, certos sinais de que essa é a impressão geral. Outro ponto de interrogação é o sector da ação militar deste país. Se os cartazes ultimamente colocados podessem servir de indicação, o sector seria a Corsega e a Tunisia. A Dalmacia parece excluida, depois de se haver falado, durante mais de um mês, em sua ocupação, como uma cousa decidida. Recentemente o Diretor do "Giornale d'Italia", Virginio Gayda, dedicou um longo artigo sobre os direitos italianos sobre Nice e a Savoia. E, coincidindo com o seu artigo, foi notado um grande movimento de deslocação de forças da fronteira do Brennero para o Piemonte.

Roma, 5 de Junho de 1940.

P. Luís Valente

→

A descrição dos acontecimentos políticos registrados em Maio pode sêr dividida em cinco capítulos:

1°- A iniciativa do Presidente dos Estados Unidos da America junto ao Chefe do Govêrno Italiano tendente a evitar a extensão da guerra ao Mediterraneo e à Europa sul-oriental;

2°- A divulgação do relatório apresentado ao Duce pelo Ministro Plenipotenciario Conde de Pietromarchi, acêrca do controle anglo-francês sôbre os navios italianos, e os danos que a execução do blôqueio tem acarretado à Itália;

3°- A campanha a favor da guerra contra a Inglaterra e a França, que coincidiu com os sucessos militares alemães na Holanda, Belgica e França;

4°- O discurso do Ministro dos Negócios Estrangeiros pronunciado em Milão;

5°- A atitude assumida por Sua Santidade o Papa Pio XII e pelo orgão do Vaticano, o "Osservatore Romano", por ocasião da invasão, pelos alemães, da Holanda, Belgica e Luxemburgo.

Iniciativa do Presidente Roosevelt

Logo no inicio do mês foi divulgada a noticia de que o Presidente Roosevelt enviara uma mensagem a Mussolini a favor da paz. Com a celeridade de todas as noticias alviraceiras, logo dela tiveram todos conhecimento e, apezar de tantas tentativas anteriores fracassadas e que colidiram para o mesmo fim humanitario, não foram poucos os que nela creram.
A pergunta geral era no sentido de saber em que termos teria sido concebida a mensagem de Roosevelt e si ela se teria limitado ao Mediterraneo, ou não.
Nada transpirou, porém, da entrevista entre o Embaixador Americano e o Senhor Mussolini, na qual a transmissão da mensagem Roosevelt foi o objetivo principal. Soube-se, no dia seguinte,

seguinte, que Mussolini respodera ao Presidente, mas da resposta do Chefe dêste Govêrno nada transpirou. A entrevista, como era natural, despertou o mais vivo interêsse nos circulos internacionais e no meio do povo italiano que deseja sinceramente a paz, pois, ainda são muito recentes as campanhas da Abissinia e a guerra da Espanha.

Apezar da reserva mantida com relação àquela mensagem, tudo faz prever que a mesma tenha tido como fim pricipal, impedir a extensão do conflito anglo-franco-germanico ao Mediterraneo e à Europa sul-oriental. Tudo tambem faz crer que o Embaixador Americano teve novas garantias do Senhor Mussolini e do Conde Ciano de que a Itália, no momento, não cogitava de alterar a sua posição de "não beligerante". Mas, no meio de todas essas deduções, uma cousa é certa: a existencia de sérias preocupações sôbre a atitude italiana no Mediterraneo. Uma prova disso está no aumento alí, das forças navais anglo-francêsas, verificado em Maio. A concentração em Alexandria de uma grande esquadra anglo-francêsa causou aqui forte impressão. No capítulo 3º dêste ofício faço outras considerações sôbre a atitude da Itália.

Relatório do Conde Pietromarchi

Coincidindo com os sucessos alemães na Holanda, na Belgica e em França, foi agitada em toda a Itália uma forte campanha contra a Inglaterra e a França na qual o objetivo evidente foi o incitamento do povo para a guerra. Começou a campanha com a divulgação do relatório apresentado ao Duce pelo Ministro Plenipotenciario Conde de Pietromarchi acêrca do bloqueio da Alemanha pelas esquadras anglo-francêsas e os prejuizos que o mesmo vem causando à navegação italiana. Em suas linhas gerais o relatório Pietromarchi é um protesto contra os prejuizos à economia nacional, que êle afirma terem sido causa-

causados pela execução do bloqueio sob a forma de fiscalisação das importações e exportações italianas. Pietromarchi afirma que foram detidos no periodo de oito mêses 857 navios, muitos dos quais estiveram longo tempo parados para o trabalho de fiscalisação e exame da carga. A organisação do serviço de controle é julgada imperfeita e altamente prejudicial aos armadores e ao comércio. Tambem a mudança de rota dos vapores, obrigada pelos franco-inglêses, não acarretava menores danos aos legitimos interêsses da Itália. Afirma Pietromarchi que a recusa de documentos tem causado grandes prejuisos, pois, basta que o vendedor da mercadoria esteja incluso em uma lista negra para não ser aceito o documento. E essas listas negras não são do conhecimento das autoridades italianas.

Em resposta ao relatório Pietromarchi, o controle anglo-francês fez divulgar que a Itália não tem sido absolutamente prejudicada com o controle, pois, as exportações e as importações italianas apresentam sensivel aumento com relação às dos anos anteriores. As estatisticas demonstram que as exportações italianas, longe de diminuirem, aumentaram nêste ano, sensivelmente.

Campanha a favor da guerra

O relatório Pietromarchi serviu de base para o incitamento do povo para a guerra contra a França e a Grã-Bretanha. Os jornais publicaram aquele relatório em primeira pagina e, em artigos os mais violentos que se possa imaginar, incitavam o povo à guerra. Assim, o bloqueio foi o ponto de partida para a campanha. Esta assumiu grandes proporções em algumas cidades da Itália, onde as noticias dos jornais tiveram maior éco. Mesma nesta capital, não foram poucos os atentados pessoais a inglêses e francêses. O Ministro da Suissa foi agredido brutalmente porque fez retirar dos muros da sua Legação

Legação diversos cartazes contendo insultos à França e à Inglaterra. Esses cartazes eram muitas vezes colados tambem nos automoveis estrangeiros, cujos proprietarios eram agredidos quando procuravam retiral-os. A conquista da Tunisia, da Corsega, de Nizza e Saboia, de Gibraltar, de Suez foi o tema principal de que se serviram os jornais nessa campanha de incitamento do povo para a guerra. Em todas as cidades italianas foram realisadas passeatas. Tive a informação que aqui em Roma não houve entusiasmo por parte do povo,e que os manifestantes eram, na generalidade, meninos das escolas.

Discurso do Ministro dos Negócios Estrangeiros

Teve larga divulgação o discurso pronunciado em Milão, no dia 19 de Maio, pelo Conde Ciano, por ocasião de uma manifestação que lhe era feita pelos fascistas milanêses. Nêsse discurso, declarou o Ministro dos Negócios Estrangeiros que a Itália da Revolução, a Itália da Etiópia, a Itália das vitórias da Espanha não é estranha aos acontecimentos que convulsionam a Europa, e nos quais ela deve dizer e dirá a sua palavra. Essa declaração do Ministro dos Negócios Estrangeiros foi interpretada como um aviso de que a Itália, dentro em breve abandonaria sua posição de nação "não beligerancia", para combater ao lado da sua aliada, dando assim execução ao "pato de aço".

Atitude assumida por Sua Santidade o Papa Pio XII com relação aos países vitimas da invasão.

A atitude do chefe da cristandade com relação à Polonia, a maior vitima desta guerra, é renovada agora com relação à Belgica, à Holanda e ao Luxemburgo. Os telegramas enviados por Sua Santidade ao Rei da Belgica, à Rainha da Holanda e à Grã-Duquesa do Luxemburgo - Estados neutros vitimas

vitimas da invasão alemã - irritaram êste Govêrno. Como consequencia da atitude do Pontifice, foi suspensa a venda do jornal do Vaticano "Osservatore Romano". Os quiosques que vendiam êsse jornal eram atacados pelos fascistas exaltados. Não faltaram ataques ao Papa porque êle teve que reprovar a barbaria. E é certo que, a invasão de países neutros e pacificos, sobretudo como foi executada, foi condenada por toda a cristandade.

P. Leão Veloso

(Seguiu uma cópia por via aérea)

EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

RESERVADO

Nº 234

Mês político nº 6.
Junho de 1940.

900.1(96)

S. DE E. DAS RELAÇÕES EXTERIORES
SERVIÇO DE COMUNICAÇÕES
30 OUT. 1940
Nº 14124

A Embaixada do Brasil em Roma tem a honra de remeter à Secretaria de Estado das Relações Exteriores, nos termos da Circular nº 1.248, de 17 de Setembro de 1938, o incluso relatorio político relativo ao mês de Junho de 1940.

./1

Roma, 2 de Julho de 1940.

Emb. Roma/234/1940/Anéxo.

RELATORIO POLITICO DE JUNHO REDIGIDO PESSOALMENTE PELO CHEFE DA MISSÃO.

Na introdução ao relatorio político desta Embaixada, relativo ao mês de Maio, descrevi o ritmo acelerador do movimento que, afinal, conduziu a Itália à guerra. No dia 3 do corrente, era oficialmente anunciado que o Govêrno adiara a Exposição de Roma de 1942, sob o pretexto, nas circunstâncias em que se encontrava o mundo, de permitir a todos os aderentes comparecerem. Era isso mais um sinal positivo das intenções do Govêrno italiano. Aliás, por essa época, o Ministro dos Negócios Estrangeiros já não escondia mais ao próprio Embaixador da França as intenções da Itália. A sua duvida, a êsse propósito, só se manifestava no seguinte: a data precisa da declaração de guerra.

2 E não era sómente ao Embaixador da França que o Ministro falava abertamente na resolução irrevogavel tomada pelo Govêrno italiano. Estou positivamente informado de que, entre êle e o Embaixador dos Estados-Unidos, nas frequentes entrevistas que tiveram nas imediações da declaração de guerra, o seguinte dialogo se reproduzia invariavelmente: - "Excelência, quantas noites de sono tranquilo ainda nos restam?", perguntava o Embaixador. "Poucas, muito poucas", respondia o Ministro.

3 No dia 4 de Junho, reunia-se o Consêlho de Ministros. Essa reunião obedecia à rotina estabelecida desde o começo da guerra. Esta Embaixada teve, a êsse respeito, a oportunidade de telegrafar a essa Secretaria de Estado que nada de sensacional era de esperar-se da convocação do Consêlho

Consêlho de Ministros. Entretanto, êsse último deliberou principalmente sôbre questões relativas à preparação economica e bélica da nação. E, no dia 6, noticiava-se que as autoridades navais haviam minado as costas italianas e a imprensa, por ordem superior, comunicava ao público as instruções referentes ao black out e demais medidas de defeza contra as incursões aéreas.

3 Por fim, na tarde do dia 9, esta Embaixada comunicava a essa Secretaria de Estado que, no dia seguinte, às 6 horas depois de meio-dia, o Duce comunicaria ao povo, reunido na Piazza Venezia, a entrada em guerra da Itália. Com efeito, nêsse dia, no momento preciso a que se referia o telegrama desta Embaixada, êle anunciava, da sacada hoje histórica do palácio em que funciona a Presidencia do Consêlho, que às 4 horas e meia o Govêrno entregara ao Embaixador de França e, quinze minutos depois, ao da Grã-Bretanha, a devida declaração. Em seu discurso, o Duce tratou de explicar ao povo as razões daquele gesto grave: combate às democracias plutocráticas; promessas, ameaças, artificios e, finalmente o"assédio societário" de 52 nações; o problema das fronteiras continentais e maritimas, etc. Na entrevista suprema, naquela mesma tarde entre o Embaixador de França e o Ministro dos Negócios Estrangeiros, êsse último condensou, em vez disso, todos os motivos da intervenção da Itália, numa hora em que a guerra, no continente pelo menos, estava virtualmente terminada, em uma só: os compromissos da nação para com a Alemanha.

4 A Itália entrou em guerra no dia 10 de Junho, porque não podia esperar, sob pena de não encontrar mais a França em estado de beligerancia. Esta, com efeito, menos de seis dias depois, apresentava à Alemanha um pedido de armisticio. Essa Secretaria de Estado estava perfeitamente ao par,

par, através da informações desta Embaixada, da fé absoluta do Chefe dêste Govêrno na força militar esmagadora da Alemanha e do seu desejo de que a Itália interviesse ao seu lado. Houve, de Outubro a Abril, a grande pausa utilisada pela Alemanha afim de preparar-se definitivamente para vencer o exército francês. Quando Mussolini teve conhecimento do termo de tais preparativos, a sua resolução se fortaleceu: a Itália não ficaria inativa. A questão era saber, segundo o desenvolvimento da situação militar européa, em que setor se manifestaria a sua intervenção - intervenção essa subordinada às condições próprias de sua posição economica e de sua preparação militar. Antes da ofensiva alemã contra o exército francês, acreditou-se muito num simples golpe de mão na região do Adriatico. Mas, não só a oposição de certos fatores, que essa Secretaria de Estado conhece, a um tal projéto, como tambem o curso que tomaram os acontecimentos na França, determinaram a atitude final da Itália.

5 São hoje conhecidos os esforços pessoais feitos pelo Presidente Roosevelt para impedir o gesto da Itália. A principio, conforme essa Secretaria de Estado foi informada por esta Embaixada, a Embaixada americana em Roma, como era natural, guardou a maxima reserva a êsse respeito. Mas o próprio Presidente Roosevelt, no dia da entrada dêste país em guerra, tornou público todos os passos que, com aquele fim, déra junto a Mussolini: todas as suas tentativas para o esclarecimento da questão das reivindicações da Itália e todas as suas propostas e promessas. O Presidente Roosevelt sentiu a posição dificil da França em face da Alemanha, agravada pela ameaça que constituia a atitude da Itália. E dispoz-se, num esforço supremo, a vêr se a salvava e, com ela, a causa com que estavam as simpatias do povo americano. Os seus esforços foram

foram os mais louvaveis, mas só tinham uma probabilidade de exito: o restabelecimento da situação militar em favor francamente da França. Isso não se tendo verificado, o seu único resultado foi provocar recriminações contra o que se qualificou de ingerencia indiscreta dos Estados-Unidos nos negócios europeus, com ameaças de represalias, num futuro próximo ou remoto, por parte dos Estados totalitarios, no continente americano. Essas recriminações e represalias foram consubtanciadas num artigo do "Giornale d'Italia", de 7 de Junho, por Virginio Gayda, porta-voz do Duce, intitulado "L'America contro sè stessa?". Segundo esta Embaixada - ela própria informada pela fonte competente - informou essa Secretaria de Estado, o artigo de Gayda representava a essencia das respostas dadas por Mussolini ao Presidente Roosevelt, durante o cantáto quasi permanente que os dois Chefes de Govêrno haviam mantido, por causa da situação que se desenhava na Europa.

6 Voltemos agora ao momento da declaração de guerra da Itália. O comicio realisado na Piazza Venezia tinha, sem duvida, centenas de milhares de pessoas: quantas a vasta praça podia conter. O discurso do Duce foi todo pontuado de aplausos freneticos. A menor interjeição era acompanhada de uma salva de palmas e de gritos, em que o seu nome ecoava sem cessar durante longuissimos intervalos. Tudo num acôrdo perfeito com o rito daquela sorte de comicios, a que o regime habituou o país. A verdade, porém, é que a isso ficou reduzido o entusiasmo manifestado pelo povo italiano deante da determinação tomada pelo seu Govêrno. Uma hora depois, salvo uma manifestação popular obrigada, em frente ao Palacio Real, Roma estava calma como se nada de maior houvesse sucedido na vida nacional. Na "Villa Borghese", os mesmos pares de namorados ocupavam romanticamente, como todos os dias, os seus bancos de

de sempre. Nas calçadas, a população gozava a tarde estival, sentada às portas das confeitarias, bebendo refrescos e tomando sorvetes.

7 Forçada a França a depôr as armas, Mussolini e Hitler encontraram-se em Munich, no dia 18, para combinar os termos das convenções de armisticio que deviam impôr. A guerra continental durára praticamente, no que diz respeito à Itália, pouco mais de uma semana. Constára de algumas incursões aéreas, tanto sôbre o seu territorio, quanto sôbre o da França, e de um começo de ofensiva nos Alpes, no dia 21, isto é, na ante-vespera da assinatura do armisticio. A assinatura dêsse último provocou o mesmo entusiasmo que havia provocado a declaração de guerra. O povo italiano é realista: não desconhece a vantagem de sua aliança, nêste momento, com uma Alemanha vitoriosa. Mas tem suficiente espirito critico para compreender que a sua entrada na guerra, na hora e como se deu, impõe uma certa discreção. Isso se manifesta, aliás, justiça seja feita, nos seus comunicados e nos comentarios da imprensa, quasi inexistentes.

8 As forças italianas de terra, do mar e do ar reservam-se para conquistar as glorias desta nova guerra em que estão empenhadas, na campanha contra o Império Britanico, na Inglaterra, no Mediterraneo e na Africa. A guerra com a França não lhe deu tempo. A Itália participará nas operações de desembarque na Inglaterra. Tomará a ofensiva na fronteira da Libia. O seu exército e a sua aviação serão ativos na Africa setentrional. O Duce preza, acima de tudo, as virtudes guerreiras e faz questão que o povo que êle formou dê provas de possuil-as. Sôbre isso não resta a menor duvida. A Africa setentrional acaba, aliás, de ser teátro do fáto mais sensacional da presente guerra da Itália: a morte do Marechal Italo

Italo Balbo, Governador da Tripolitania - creador da aviação italiana e uma das figuras mais populares da nação - nas condições que esta Embaixada teve ocasião de comunicar hoje a essa Secretaria de Estado.

(Seguiu uma cópia por via aérea)

EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

NP

S. DE E. DAS RELAÇÕES EXTERIORES
SERVIÇO DE COMUNICAÇÕES
30 OUT. 1940
14102
Nº

RESERVADO

Nº 246

Mês político nº 7.
Julho de 1940.

900.1(96)
Sf

A Embaixada do Brasil em Roma tem a honra de remeter à Secretaria de Estado das Relações Exteriores, nos termos da Circular nº 1.248, de 17 de Setembro de 1938, o incluso relatorio político relativo ao mês de Julho de 1940.

Roma, 2 de Agosto de 1940.

Emb. Roma/246/1940/Anéxo único.

RELATORIO POLITICO DE JULHO REDIGIDO PESSOALMENTE PELO CHEFE DA MISSÃO.

O mês a que se refere êste relatorio póde ser definido de expectativa, assim como de preparação bélica, ou diplomática, para a batalha final ou a fáse política conclusiva da presente guerra. Em Junho, com a assinatura do armisticio com a França, cessaram as hostilidades no sector continental. Restava abater a Inglaterra tambem ou fazer a paz com ela. Um cuidado e outro caracterizaram, por parte da Alemanha e, ipso facto, da Itália, o mês de Julho findo.

2 Os últimos dias de Junho haviam sido assinalados, no que diz respeito à situação geral européia, pelo ultimatum da U.R.S.S. à Romania e a subsequente ocupação da Bessarabia e da Bucovina. Isso equivalia a despertar, na vespera do inicio da fáse final da guerra, a questão da Europa Oriental, em que a Itália e a Alemanha estão interessadas política e economicamente. Economicamente, no que se refere à Alemanha e à Itália, no presente momento, visto como o sector da Europa Oriental, ou balcanico, se tornou no continente a sua principal fonte de abastecimento.

3 A Romania, como era de se prevêr, cedeu inteiramente à U.R.S.S. e, para não ser obrigada a submeter-se igualmente à Hungria e à Bulgaria, teve que revêr, sem demora, a sua política, entregando-se à discreção da Alemanha e da Itália, e rompendo com a Inglaterra, pela denuncia da garantia oferecida por essa última, o ano passado, nas vesperas do conflito europeu.

4 O ultimatum da U.R.S.S. e a rapida cessão, pela

pela Rumania, da Bessarabia e da Bucovina, eram fátos que não podiam deixar de repercutir na Alemanha e na Itália. Essas duas últimas, sem duvida alguma, haviam sido corretamente prevenidas do gesto do Govêrno soviético. E concordaram, mesmo porque não tinham outro remedio. Mas, na vespera do esforço final contra a Inglaterra, a verdade é que a gravidade daquele gesto não lhes podia escapar. O mesmo ameaçava, despertando as aspirações de outras nações balcanicas, de atear a guerra na peninsula e, uma vez isso feito, ninguem seria capaz de prevêr o seu desenvolvimento, as suas consequencias e os seus efeitos sôbre a posição das duas potencias, no momento em que se preparavam para a fáse final do conflito em que estão empenhadas.

5 Póde-se, assim dizer, sem receio de errar, que uma das principais preocupações da Alemanha, como da Itália, durante o mês de Julho, foi consolidar a ordem na peninsula balcanica, depois da perda da Bessarabia e da Bucovina, pela Rumania. Era preciso especialmente conter a Hungria. Era preciso igualmente observar a atitude da Bulgaria. Daí a razão principal da visita do Conde Ciano à Alemanha em 6 de Julho. Daí o seu encontro alí, em presença de Hitler, com o Presidente do Consêlho e o Ministro dos Negócios Estrangeiros da Hungria e, finalmente, as visitas à Alemanha e à Itália, sucessivamente, do Presidente do Consêlho e do Ministro dos Negócios Estrangeiros da Rumania, Senhores Gigurtu, que o povo romano passou a chamar Jugurta, e Manoilesco.

6 Não se póde ainda saber, ao certo, o que ficou concluido entre a Itália e a Alemanha, de uma parte, e a Rumania, a Hungria e a Bulgaria, de outra parte. É possivel que nada haja sido concluido de positivo. É obvio, porem, que a Itália, a exemplo da Alemanha, tenha recomendado à Rumania a necessidade de um acôrdo com a Hungria e a Bulgaria sôbre as questões

questões que as dividem. É obvio, por outro lado, que a Hungria principalmente recebeu garantias de que as suas reivindicações seriam atendidas, sob uma ou outra forma. Por fim, ou o acôrdo se fará, ou a Itália e a Alemanha o imporão oportunamante, a menos que a situação na Europa possa vir ainda a ser completamente alterada.

7 Aliás, a solução final da questão da Europa Oriental, no conceito das duas aliadas, parece que não ficará limitada à satisfação das aspirações da Hungria e da Bulgaria. Isso corresponderia simplesmente a uma necessidade presente. Acredita-se em reivindicações futuras da Itália sôbre a Iugoslavia, por causa da Dalmacia, e sôbre a Grécia. Mas não é o momento para que êste relatorio toque no assunto, a não ser para mostrar, de passagem, sem saír do setor balcanico, três nações, pelo menos, diretamente interessadas em que o "eixo" não triunfe.

8 O mês de Julho, em suma, foi um mês assinalado por uma grande atividade política, no quadrante europeu, por parte da Itália, como da Alemanha. Não sómente, quer esta Embaixada crer, por causa dos acontecimentos da Europa Oriental, mas tambem por outra ordem de preocupações, ligadas diretamente ao esforço final, destinado a abater a Inglaterra. Era natural que a Itália e, sobretudo, a Alemanha tivessem cogitado de evitar, se fosse possivel, os duros sacrificios de um combate que promete ser dos mais cruentos. Falou-se muito, portanto, em tentativas para concluir a paz, antes de começadas as hostilidades. Por parte de Hitler, pelo menos, êsse desejo, sincero ou não, foi publicamente manifestado no Reichtag em fim de Julho. Correram rumores, com certo fundamento, de sondagens feitas pelo Vaticano, por intermedio da Espanha pouco depois de assinado o armisticio com a França. Esta Embaixada, porem,

porem, não está habilitada a acrescentar nada mais, a êsse proposito, ao que acaba de escrever.

9 Com referencia ao último discurso de Hitler, essa Secretaria de Estado já tem conhecimento de que o Conde Ciano foi especialmente a Berlim escutá-lo. Esta Embaixada, aliás, na vespera, anunciou por telegrama a sua segunda visita a Berlim, embora sem poder dizer o proposito, que só foi conhecido verdadeiramente duas horas antes da sessão do Reichtag. A presença do Ministro dos Negócios Estrangeiros àquela sessão obedeceu, sem duvida, ao intuito de dar maior solenidade às declarações do Chanceler alemão e salientar a perfeita união das duas aliadas. Os seus principios gerais, comtudo, inclusive a proposta de paz de Hitler, dêvem ter sido combinados durante a visita anterior do Conde Ciano e a sua entrevista com o Fuehrer, que a imprensa insistiu em dizer que durou mais de duas horas. Combinados ou simplesmente comunicados verbalmente ao Ministro, segundo o habito conhecido do Chanceler do Reich nessa sorte de encontros.

10 Fóra a atividade política e diplomática mencionada nêste relatorio, com o fim de consolidar a ordem na Europa Oriental e preparar o terreno para as hostilidades contra a Inglaterra, ou a paz, os acontecimentos do último mês foram quasi nulos. As operações militares, terrestres, navais e aéreas no Mediterraneo e na Africa Setentrional e Oriental não merecem nenhuma menção especial. Foram operações secundarias, qualquer o setor. Em meiado de Julho, a imprensa celebrou uma grande vitória naval no Mar Jonio e simultaneamente na costa das Ilhas Baleares. Sobretudo no Mar Jonio. Mas a batalha durou, de fáto, alguns minutos. E a vitória consistiu simplesmente na circunstancia de que a esquadra britanica, no curso de uma operação, havendo surpreendido uma esquadra italiana, não poude

poude persegui-la, nem destrui-la, porque a mesma procurou refugio nas costas da Sicilia. Os bombardeios aéreos não surtiram efeito propriamente, nem de um lado, nem do outro. As operações terrestres foram combates entre efetivos de uma só companhia, na maior parte das vezes.

11 Sob o ponto de vista militar, o fáto mais digno de ser assinalado nêste relatorio foi a publicação ofícial da lista das baixas sofridas pela Itália, durante as operações nos Alpes, contra a França - na ofensiva tomada em 21 de Junho - e na Africa, contra os Inglêses. As mesmas foram de pouco mais de 800 mortos, cerca de 3 mil feridos e 300 desaparecidos. A maioria dessas baixas, excusado é dizer, foram registadas nos Alpes, contra o Exército francês, já depois de pedido o armisticio.

12 A despeito, porem, do que ficou escrito acima nêste relatorio, a proposito do caráter, pelo menos preliminar, das operações militares no Mediterraneo e na Africa, convem dizer, entretanto, que não faltaram proclamações, ordens do dia, etc., celebrando os feitos das armas italianas, com o proposito de impedir que esmoreça o entusiasmo popular por uma guerra em fáse de expectativa, desde a sua declaração em 10 de Junho.

13 Esta Embaixada deseja, agora, chamar a atenção dessa Secretaria de Estado para um fáto ao qual liga certa importancia - fáto êsse à margem, por assim dizer, dos acontecimentos em relação com a evolução futura e imediata da guerra propriamente dita. Trata-se da campanha de imprensa aberta contra a França vencida, na primeira semana do mês passado. Começou a campanha pelo "Giornale d'Italia", o que tem muita significação. Só depois de alguns dias foi que a mesma encontrou éco na Alemanha. Em resumo, o fim da campanha é insistir

insistir nas faltas passadas da França, em reduzir ao minimo o alcance das reformas que aguele país procura introduzir no seu regime político e social e em insistir igualmente no firme proposito da Itália de obter, na hora da liquidação de contas, isto é, no momento da conclusão da paz, a satisfação de todas as suas reivindicações.

14 Como se explica isso? Os sentimentos da nação italiana pela nação francesa são um fenomeno psicologico complexo. As manifestações de animosidade da Itália para com a França é quasi um fenomeno permanente da história dos dois povos. Mas o odio de um pelo outro é absolutamente facticio. Não existe, por outro lado, país cuja influencia moral sôbre a Itália seja maior do que a da França. O francês é, de um modo geral, a unica lingua estrangeira que os Italianos compreendem e falam. Os unicos livros e jornais estrangeiros lidos na Itália são os franceses. Os jornalistas italianos conhecem como ninguem a imprensa francesa, os seus representantes e as suas tendencias, prova de uma pratica constante, resultado da sua atração sôbre êles. Junte-se a isso que na Alemanha, depois da vitória, não se verificou nenhuma explosão de paixão contra a França.

15 Dar-se-ia o caso, que nessas condições, tivesse brotado o receio, entre os dirigentes da Itália, de que o sentimento popular se tornasse tal, a ponto de, no momento da conclusão da paz, ser dificil impôr à França condições muito duras? Os atuais dirigentes da Itália, como fundadores de um regime, têm ambições, às quais o povo é indiferente. Mussolini sente isso mais do que ninguem. E, no interêsse do regime por êle creado, êle sente a necessidade de engrandecer o seu triunfo, exigindo da França concessões que o povo italiano não espera e muito menos o alemão. Nêsse caso, a campanha de

de imprensa que êste relatorio assinalou só pode ter uma explicação: estimular o público e crear um ambiente, tanto na Itália, quanto na Alemanha, que não torne possivel, em relação à França, outra atitude senão a que êle tem em mente. Se o povo adormecesse, o que se daria fatalmente se não existisse a imprensa e o radio para despertá-lo, o resultado seria fatal para os seus planos.

16 Este relatorio não pode deixar de dedicar algumas linhas sôbre a repercussão na Itália da Conferencia panamericana de Havana. Evidentemente, a atenção do público italiano está por demais presa aos acontecimentos europeus, do seu imediato interêsse, para poder acompanhar o que se passa no continente americano. A imprensa tem-se limitado a dedicar-lhe breves noticias telegráficas, incompletas e confusas. Não houve, até agora, comentarios. Não só, aliás, o público italiano, como ficou dito, tem a sua atenção voltada para os acontecimentos da Europa, como é indiferente, em geral, ao que se passa no continente americano. A unica cousa que poderia despertar o seu interêsse seria a possibilidade da intervenção dos Estados-Unidos na guerra. Mas isso, no seu conceito, é uma hipótese que está, por enquanto,afastada.

17 Não diremos, porem, que essa indiferença seja a mesma nos meios dirigentes. Nêsses meios estamos convencidos de que toda obra destinada a fazer das Americas um só blóco é vista com apreenção e combatida. O motivo é simples: seria a unica verdadeira defêsa do continente americano contra a influencia que a Alemanha e a Itália contem poder exercer alí, uma vez que dominarem a Europa. As raras noticias sôbre a Conferencia de Havana, publicadas na imprensa,traduzem a preocupação de demonstrar a impossibilidade de um acôrdo perfeito entre as nações americanas. Alem disso, com relação à questão do

do futuro das possessões britanicas no nosso continente, as noticias publicadas são usadas, como arma de propaganda, para fazer crer ao público que os Estados americanos já consideram como infalivel a destruição do Império da Grã-Bretanha.

18 Terminaremos pela menção de um simples fáto de cronica: o oferecimento ao Chefe dêste Govêrno, pelo Chanceler do Reich, de um trem blindado, destinado a protegê-lo, em suas viagens, contra eventuais ataques aéreos. O trem blindado foi na China, depois da proclamação da Republica, durante o periodo das guerras civis, uma arma corrente. Na Europa, contudo, era quasi desconhecido. Isso explica a curiosidade que o presente despertou no povo italiano.

Roma, 2 de Agosto de 1940.

P. Luiz Vilares

Seguiu uma cópia por via aérea

EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

RESERVADO

Nº 257

Mês político nº 8.
Agosto de 1940.

900.1(95)

S. E. R. ... RELAÇÕES EXTERIORES
... COMUNICAÇÕES
30 OUT. 1940
Nº 14101

A Embaixada do Brasil em Roma tem a honra de remeter à Secretaria de Estado das Relações Exteriores, nos termos da Circular nº 1.248, de 17 de Setembro de 1938, o incluso relatorio político relativo ao mês de Agosto de 1940.

./1

Roma, 4 de Setembro de 1940.

Emb. Roma/257/1940/Anéxo único.

RELATORIO POLITICO DE AGOSTO REDIGIDO PESSOALMENTE PELO CHEFE DA MISSÃO.

Durante o mês findo, a Itália teve a registrar, a seu ativo, dois sucessos, um militar e outro diplomático. O primeiro foi a conquista, na Africa Oriental, da Somalia britanica, terminada em 20 de Agosto, dez dias depois do ataque inicial, e o segundo sucesso, no campo diplomático, em companhia da Alemanha, foi a solução pacifica da questão territorial entre a Hungria e a Romania, por causa da Transilvania. Entretanto, no que se refere à guerra, de um modo geral, isto é, ao seu termo, pela capitulação da Inglaterra, o mês terminou sob uma impressão que não deixa grande margem a optimismo, quanto ao perigo de sua duração. Os fátos poderão vir a desmentir essa impressão. A presente guerra tem, com efeito, reservado muitas surpresas, desde o seu inicio e mesmo antes disso, como, por exemplo, o acôrdo inesperado entre a Alemanha e a União Soviética, nas suas vesperas. Mas a verdade é que, à hora em que este relatorio é escrito, não é exagerado dizer-se que desapareceu em certos meios, senão no público propriamente dito, a confiança num desembarque em regra nas Ilhas britanicas e na capitulação rapida da Inglaterra.

2 Como ficou dito acima, o primeiro sucesso registrado, o mês passado, pela Itália, foi de ordem militar. E' preciso não diminuir o seu valor. O mesmo é tanto moral, quanto pratico e, para ser mais preciso, estrategico. A sua importancia moral está no efeito que a conquista militar da Somalia não póde deixar de exercer, contra o prestigio imperial britanico, na mente das populações africanas. Estrategicamente

estrategicamente o fáto tem importancia, sob o ponto de vista do controle da entrada do Mar Vermelho, no Golfo de Aden. Os Inglêses controlavam, até então, as duas margens. Uma delas passou às mãos da Itália. A desfeita sofrida pela Inglaterra é perfeitamenteexplicavel, pela grande inferioridade dos seus efetivos, comparados com os da Itália. O fáto não terá nenhuma influencia diréta sôbre o termo da guerra. Mas nenhum dêsses argumentos lhe tira o valor, nem desfaz a impressão de que a Itália estava muito mais preparada do que se supunha para a defêsa e consolidação do seu Império. A conquista da Somalia britanica corresponde, com efeito, à consolidação do Império italiano da Etiópia.

3 A tomada de Berbera, na Somalia britanica, terminou a primeira fáse da guerra em Africa, contra a Inglaterra. E´natural que a Itália, agora, se prepare para iniciar a segunda, invadindo o Egíto, pela Libia. Essa será a próxima ação das armas italianas em territorio africano. E´de presumir-se que os preparativos estejam muito adeantados. A julgar pela atitude sintomática da imprensa recentemente, o ataque contra o Egíto deveria começar de um minuto para outro. Mussolini, em seu discurso de 10 de Junho, proclamando a entrada da Itália em guerra, havia feito o protesto do seu desejo de paz com o Egíto. A imprensa últimamente recebeu ordem para, pondo toda a culpa sôbre a Inglaterra naturalmente, acumular e apresentar razões que justifiquem a invasão daquele país, a despeito dos protestos feitos solenemente em Junho dêste ano. Quando terá inicio o ataque? Porque não começou ainda? Estarão os italianos à espera que as operações para o desembarque na Inglaterra se concretisem? Como ficou dito, a conquista da Somalia britanica demonstrou que a Itália estava mais preparada do que se supunha para a guerra no territorio africano. E´

é claro, porem, ou pelo menos é de presumir-se, que o Egíto esteja melhor defendido pela Inglaterra, do que estava a Somalia. E'possivel que, terminados os preparativos militares, reste a ultimar-se a preparação política: a paz na região danubiana; a posição da Grécia; a segurança das comunicações maritimas e aéreas entre a Itália e a Libia, etc. Acontecimentos do mês passado deram relevo à questã das relações entre a Itália e a Grécia. Ninguem conseguiu, até agora, esclarecer o seu caráter e o seu alcance. Póde ser que isso se relacione com o problema do Egíto. O que sucedeu póde ter sido uma sondagem, para reconhecer os animos da Grécia, na hipótese da Itália ter que empenhar-se a fundo no Mediterraneo oriental contra a Inglaterra.

4 Com relação à paz na região danubiana, ela parece ter ficado assegurada depois da recente conferencia de Vienna, entre o Conde Ciano, Ribbentrop e os Ministros dos Negócios Estrangeiros da Rumania e da Hungria. Era visivel, de um mês a esta parte, que êsses dois últimos países não se encaminhavam para a solução pacifica da questão da Transilvania, segundo as diretrizes formuladas em Julho, nos sucessivos encontros, na Alemanha e na Itália, entre Chefes de Govêrno e Ministros dos Negócios Estrangeiros. Na Rumania a opinião pública não se conformava com a idéa de concessões territoriais à Hungria. A "Guarda de Ferro" manifestara-se contraria, bem como o Senhor Maniu. O Govêrno rumeno adoptou, então , o principio de resolver o problema das divergencias entre a Rumania e a Hungria mediante simplesmente a troca de populações e uma concessão territorial minima. Para preparar-se a poder resistir à pressão da Hungria, a Rumania iniciou uma política de aproximação com a União Soviética,depois de perdida a Bessarabia e a Bucovina, e se apressou em resolver em principio a sua

sua pendencia com a Bulgaria. As negociações com a Hungria, depois de se terem arrastadas quasi um mês, foram rompidas.

5 Isso creava uma situação critica na região danubiana e a ameaça de um conflito, prejudicial sobretudo aos planos de abastecimento da Alemanha. Impunha-se uma intervenção pronta e energica das Potencias do "eixo" para pôr termo às intrigas soviéticas na região danubiana, forçar a Rumania a submeter-se às exigencias da Hungria e assegurar a paz naquele sêtor dos balcans. Foi êsse o motivo da reunião de Vienna. Não se saba a quem atribuir a iniciativa. A Alemanha é a principal interessada na manutenção da ordem na região danubiana. Mas a Itália, por seu lado, tambem tinha interesse em que o problema da Transilvania fosse resolvido favoravelmente à Hungria. A arbitragem de Vienna assumiu a forma de um verdadeiro ultimatum para obrigar a Rumania a ceder diante da decisão das Potencias do "eixo". Sem entrar em maiores detalhes sôbre o que ficou estabelecido, basta vêr, para se ter uma idéa da solução adotada, como a mesma foi recebida em Budapest e em Bucarest. Em Budapest a cidade foi embandeirada, como depois de uma vitória militar. Foram distribuidas condecorações ao Presidente do Consêlho e ao Ministro dos Negócios Estrangeiros. Enquanto isso, em Bucarest a policia era obrigada a deter 300 individuos num campo de concentração e a mandar guardar as Legações da Alemanha e da Itália.

6 E´curioso notar-se que se espalhou na Europa, embora na Itália os jornais nada dissessem a respeito, que a União Soviética, na vespera da conferencia de Vienna, fizera saber à Rumania que consideraria um áto inamistoso qualquer cessão de territorio de sua parte à Hungria. Nessas condições, a garantia da integridade territorial da Rumania, no futuro, oferecida pela Alemanha e a Itália em Vienna, é inter-

interpretada como uma advertencia contra qualquer nova possivel ação política de Moscow no setor danubiano. Vamos vêr o seu resultado.

7 No que respeita à região danubiana e à peninsula balcanica em geral, toda desconfiança é pouca. Por exemplo, à esta hora, as intenções da Itália e da Alemanha relativamente à Iugoslavia são muito suspeitas. O mesmo póde-se dizer das intenções da Itália relativamente à Grecia. A Itália continúa concentrando grandes forças nas fronteiras de um e de outro país. Deve ter chegado ao conhecimento dessa Secretaria de Estado a publicação e distribuição de mapas de uma Albania engrandecida à custa de territorios arrancados à Iugoslavia e à Grecia. A Alemanha, ao que se diz, tem ambições sôbre a Croatia. A imprensa italiana, aliás, no mês de Agosto findo, deu grande relevo à questão irredentista albanêsa, com relação à Grecia, em consequencia do assassinio de um Albanês, certo Daut Hoggia, na fronteira dos dois países. Os sacrificios territoriais que a Itália e a Alemanha exigirão da Iugoslavia e da Grécia, no interesse do seu plano de reconstrução da Europa, terão lugar próximamente ou num futuro remoto? Eis a única duvida. A campanha contra a Grecia, por causa da supressão de Daut Hoggia - campanha violenta, em que a Grecia era acusada de conspirar com a Inglaterra contra a Itália - cessou não se sabe exatamente porque motivo. Correm boatos de que cessou por intervenção da Alemanha, que não achava o momento proprio para uma ação militar da Itália contra aquele país, como correram igualmente rumores de que a campanha tinha por fim induzir a Inglaterra a distrair forças da base naval de Alexandria. Como quer que seja, porem, existe uma questão territorial entre a Itália e a Grecia, assim como com a Iugoslavia, e só o futuro poderá dizer qual será o seu desenvolvi-

desenvolvimento. Aqueles dois países, como é natural, mostram-se muito inquietos.

8 Este relatorio aludiu no principio à impressão que se parece ir creando em certos circulos, senão ainda no público propriamente dito, sôbre a possibilidade da duração da guerra. Isso não deixa de ser natural. O desembarque nas Ilhas britanicas e a capitulação da Inglaterra eram fátos esperados desde o mês de Agosto. Não havia duvida sôbre os meios que possuia a Alemanha para levar a efeito com sucesso aquela operação e, uma vez efetuado o desembarque, era corrente que os Ingleses não tinham exército para resistir ao progresso das forças adversarias. Em 8 de Agosto teve inicio o bombardeio aéreo intenso das costas britanicas, pouco tempo depois seguido do bombardeio de Londres. Parecia a preparação da ofensiva. Compreende-se que, quasi um mês depois, certos circulos comecem a perguntar de si para si porque essa última não começou ainda, tanto mais quanto o outono se aproxima e, com êle, condições atmosféricas pouco propicias a ações aéreas,navais e militares atravez da Mancha. Mas se alguma gente, ultimamente apenas, começou a pensar dessa maneira, isso não quer dizer que o Govêrno, ha mais tempo, não houvesse medido as dificuldades do esforço que a Alemanha se preparava a empreender e não cogitasse de preparar a opinião. Essa preparação não teve, até agora, um caráter acentuado, prova de que o proprio Govêrno, até o presente momento, não calcula exatamente o que o futuro reserva. Esta Embaixada, todavia, no começo do mês findo, teve ensêjo de chamar a atenção dessa Secretaria de Estado, por telegrama, para um artigo do Diretor do "Giornale d'Italia", Virginio Gayda, intitulado "Logoramento", falando numa guerra de usura contra a Inglaterra: no bloqueio e numa guerra de martelamento contra as suas fontes produtivas

produtivas, sobretudo de armamentos. Isso não deixava de ser interessante, na boca do porta-voz conhecido do Chefe do Govêrno. Por outro lado, foram tomadas medidas para o próximo inverno, em materia de aquecimento, etc., que revelam a preocupação de que a guerra poderá prolongar-se.

9 Esta Embaixada não póde deixar passar sob silencio a repercussão na imprensa italiana da desapropriação da "Brazil Railway", pelo Govêrno brasileiro. No "Messaggero" de Roma, matutino de maior circulação, ela mereceu as honras da primeira pagina, com o titulo de "Tramonto del Prestigio Britanico". A grande cordialidade que existe, felizmente, nas relações entre a Itália e o Brasil e a reserva mantida pelo Govêrno brasileiro em relação ao conflito europeu, são facilmente interpretadas na Itália como significativas de uma viva simpatia intima pela sua causa. Portanto, noticias como a relativa ao caso da "Brazil Railway", que, aos olhos de quem não está bem informado, póde parecer um gesto destinado a ferir propositalmente os interesses britanicos no Brasil, são recebidos como uma prova de simpatia à Itália.

10 Esta Embaixada não póde igualmente silenciar sôbre a repercussão da noticia da demissão do Presidente da República Argentina. Com relação à Argentina os sentimentos do público italiano são diferentes. Existe a convinção de que aquela nação está enfeudada à Inglaterra. Isso lhe tiraria a liberdade de se manifestar pela Itália. A noticia da demissão do Presidente da República foi recebida quasi com alacridade. Os telegramas foram enxertados em certas redações de insinuações de que o Presidente estava comprometido em negócios financeiros, em que, por sua vez, se achavam envolvidas personagens israelitas, e de que, com a sua saída, se formaria um Govêrno de tendencia política internacional inteiramente oposta,

oposta, com o Senador Sanchez Sorondo como Ministro das Relações Exteriores. Nada disso se tendo verificado, em consequencia de não ter sido aceita a demissão do Presidente Ortiz, os jornais tiveram que fazer "amende honorable", imputando a responsabilidade de tudo quanto haviam publicado a uma agencia telegráfica "Sia", cujo nome foi uma das primeiras vezes que mereceu tanto relevo na imprensa.

11 Quanto aos Estados-Unidos, dois fátos ocuparam a atenção da imprensa italiana. O primeiro foi o embargo sobre a exportação do petroleo. Amedida não afetava - et pour cause! - a Itália. Isto é, mesmo sem embargo e ainda que o petroleo americano chegasse às portas do Mediterraneo, a Itália, apezar de contestar à Inglaterra o dominio dêsse mar, não poderia transporta-lo até seus portos, sem que êle fosse sequestrado no caminho. Mas tudo quanto póde servir à imprensa italiana como propaganda, para exagerar as dificuldades contra que se debate o Imperio britanico, ela aproveita, e assim procedeu ela a proposito do embargo sobre o petroleo, procurando fazer crêr ao seu público que a principal prejudicada era a Inglaterra. Isso constou, entre outros tópicos, de um artigo do Diretor do "Giornale d'Italia" - artigo de fundo, na primeira coluna do jornal - cheio de cifras sôbre a percentagem do petroleo importado pela Inglaterra de várias proveniencias, onde os Estados-Unidos figuram com 12%, logo depois das Antilhas neerlandêsas e da Persia.

12 O outro fáto foram as declarações feitas pelo Secretario de Estado americano, Cordell Hull, de volta aos Estados-Unidos, da conferencia de Havana. A imprensa italiana adotou a atitude, de muito tempo para cá, mas sobretudo de um modo mais acentuado recentemente, de considerar uma indiscreção qualquer opinião que os homens públicos americanos externem

externem sôbre as consequencias, no que diz respeito ao continente americano, da revolução mundial que a Itália e a Alemanha encabeçaram. Essa revolução é considerada um negócio puramente europeu, com que a America nada tem que vêr. Além disso, para os dirigentes dêsses dois países, conscientes da competição economica que se creará entre os Estados-Unidos e uma Europa por êles dominada no futuro, em caso de vitória, os esforços que faz a diplomacia americana para estabelecer em todas as Americas um blóco de resistencia, constitue um verdadeiro pesadêlo. Por conseguinte, as declarações do Secretario de Estado, Cordell Hull, irritaram sobremodo a imprensa italiana, especialmente por causa da alusão "à atividade militar e outras atividades sinistras de algumas nações em vastas areas do planeta", as quais "representavam uma real possibilidade de perigo para as Repúblicas americanas". Essa irritação traduziu-se, como sempre, em consêlhos de prudencia aos homens públicos americanos e em acusações contra o imperialismo, de forma afarista, dos Estados-Unidos.

13 Este relatorio referiu-se, de uma maneira geral, a tudo quanto poderia interessar a essa Secretaria de Estado, com relação à vida política da Itália, durante o mês de Agosto, findo. Deixou, porém, de aludir aos rumores, que correram no estrangeiro, com relação à supressão do "Osservatore Romano". Esta Embaixada não conseguiu apurar o seu fundamento. Mas o fáto não lhe sorpreenderia. A campanha contra o Vaticano e aquele seu orgão continúa muito viva, por exemplo, no jornal "Regime Fascista". Não é impossivel que o Vaticano resolvesse fazer êsse novo sacrificio ao desêjo de transpor êste periodo critico de guerra sem incidentes com o regime dominante na Itália. O "Osservatore Romano" seria substituido por uma especie de boletim paroquiano, intitulado "Corriere del Vaticano"

Vaticano" e dirigido por alguns Padres Jesuitas e não mais por um jornalista profissional como o Conde Della Torre.

14 Outro tópico relativo à vida política da Itália, durante o mês findo, a que êste relatorio deixou de referir-se foi a proclamação do bloqueio das costas coloniais britanicas do Mediterraneo, do Mar Vermelho e do Golfo de Aden, assim como do Egíto. Isso foi notificado no dia 20 de Agosto. O alcance da medida é secundario, por obvios motivos. A mesma foi tomada paralelamente à declaração do bloqueio das costas da Inglaterra pela Alemanha.

Roma, 4 de Setembro de 1940.

P. Leão Velloso

(Seguiu uma cópia por via aérea)

ARQUIVO
25 NOV 40
SAIDO

EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

RESERVADO

Nº 272

Mês político nº 9.
Setembro de 1940.

900.1(95)

S. DE E. DAS RELAÇÕES EXTERIORES
SERVIÇO DE COMUNICAÇÕES
25 NOV. 1940
Nº 15231

A Embaixada do Brasil em Roma tem a honra de remeter à Secretaria de Estado das Relações Exteriores, nos termos da Circular nº 1.248, de 17 de Setembro de 1938, o incluso relatório político relativo ao mês de Setembro de 1940.

Roma, 2 de Outubro de 1940.

EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL
ORDEM E PROGRESSO
ROMA

Emb. Roma/272/1940/Anéxo único.

RELATÓRIO POLÍTICO DE SETEMBRO REDIGIDO PESSOALMENTE PELO CHEFE DA MISSÃO.

Durante o Mês que acaba de findar, a Itália teve novamente a registar, na Africa Setentrional, sucessos militares importantes. Alem disso, o periodo, em Roma, foi de uma atividade diplomática das mais intensas, com resultados que não vieram ainda todos à luz, embora o primeiro dêles - o tratado de triplice aliança com o Japão - já seja por sí bastante para indicar a importância das decisões a que chegaram as Potencias do "eixo", depois de um amplo exame da situação internacional.

Operações militares na Africa Setentrional

2 Peço a atenção dessa Secretaria de Estado para o meu relatório precedente. Referindo-me à conquista da Somalia britanica, fiz vêr que o inicio da segunda fáse da campanha africana, isto é, a invasão do Egíto, não tardaria. Isso era evidente, mesmo atravez simplesmente da linguagem da imprensa, destinada a definir o propósito, distinto de qualquer sentimento de hostilidade, das forças italianas que deviam marchar sôbre o territorio egipcio. A duvida consistia apenas em saber se o momento estava, de facto, maduro para a expedição. Com efeito, uns acreditavam ainda que a mesma deveria coincidir com o desembarque das forças alemães na Ilhas britanicas e outros consideravam que a Itália, antes de começar as operações, tentaria primeiro esclarecer a posição da Grécia.

3 Como frequentemente acontece quando se fazem previsões de caráter político, não sucedeu uma coisa, nem outra. Não se deu o desembarque nas Ilhas britanicas, nem a Itália fez

fez qualquer tentativa junto à Grécia. No dia 13 o Marechal Graziani ocupava Sollum e, no dia 16, Sidi-Barrani. Estava invadido o Egíto. Da última dessas bases, as forças italianas, uma vez ultimados os seus preparativos, poderiam marchar sôbre Marsa-Matrouh, donde ameaçariam dirétamente Alexandria.

4 Eu disse em meu último relatório que a conquista da Somalia britanica viera demonstrar que a Itália estava muito mais preparada do que se supunha para a guerra na Africa. A ocupação de Sollum e Sidi-Barrani, em tres dias, veio confirmarisso. Quer dizer que a ameaça contra o Egíto é muito grave. Aliás, a hesitação do seu Govêrno em definir a sua posição, declarando guerra à Itália, é prova da gravidade da situação. Não ha quem não reconheça, é verdade, que a marcha sôbre Marsa-Matrouh, atravez cerca de 200 quilometros de deserto, não seja uma empresa dificil. Alem disso, é de presumir-se que as forças britanicas defenderão energicamente aquela posição, assim como estão, nêste momento, com meios aéreos e navais, atacando a concentração das forças italianas em Sidi-Barrani. Mas é preciso ter presente, conforme consta do relatório do Marechal Graziani ao Chefe dêste Govêrno, sôbre as operações vitoriosas do mês passado, que a ocupação de Sollum e Sidi-Barrani foi o resultado de uma manobra inteligente e audaciosa, executada por um soldado cuja experiencia africana é muito grande.

5 A ocupação de Sollum e Sidi-Barrani não foi, aliás, o único sucesso militar na Africa, durante o mês de Setembro. Devo assinalar igualmente a ocupação do posto de Buna, no território de Kenia.

Visita a Roma de von Ribbentrop

6 Tive ensêjo de dirigir a essa Secretaria de Estado varios telegramas sucessivos, procurando esclarecê-la sôbre os motivos da recente visita a Roma do Ministro dos Negócios

Negócios Estrangeiros do "Reich", von Ribbentrop. A sua grande importância, como depois se provou, era intuitiva. Desde o primeiro momento, ninguem teve a menor duvida a êsse respeito. Conforme eu havia informado imediatamente, a visita prolongou-se. Não se realisou, como se supoz a principio, em circulos bem informados, o encontro do "Duce" com o "Fuehrer". Mas a visita determinou, logo depois, a partida para Berlim do Ministro dos Negócios Estrangeiros dêste país. E não está dito que outras entrevistas não tenham lugar entre os homens de Estado da Itália e da Alemanha.

7 As repetidas entrevistas, de mais de uma hora, do Ministro dos Negócios Estrangeiros do "Reich" com o "Duce", confirmaram depressa a alta importância de sua presença em Roma. Quando me ocupar, mais adeante, da conlcusão do tratado de triplice aliança com o Japão, essa Secretaria de Estado verá como foi absoluto o segredo mantido em torno do que se tratava. A êsse respeito, havia apenas indicios, como a presença em Berlim de Serrano Suner, Ministro do Interior e Presidente da Junta Política da Espanha; a atitude da Russia para com o acôrdo de Viena, sôbre a Transilvania; aquestão da Grécia e a progressão da ajuda prestada pelos Estados-Unidos à Inglaterra, ilustrada recentemente pela entrega de 50 torpedeiras, em troca de bases navais e aéreas no Atlantico. Havia a questão do desembarque nas Ilhas britanicas, retardada pela reação violenta da aviação inglêsa. Havia a guerra no Mediterraneo. A atenção estava voltada de tal maneira para todas essas questões, que ninguem cogitou do Japão, nem mesmo quando o seu Embaixador, depois da partida de von Ribbentrop, procurou o Conde Ciano, para falar, de acôrdo com a imprensa, da Indo-China. De todas essas indicações, as pessoas bem informadas - nos circulos diplomáticos, políticos e jornalisticos - tiravam as suas conclu-

conclusões. Essas conclusões foram as que transmiti a essa Secretaria de Estado.

8 Embora da visita do Ministro dos Negócios Estrangeiros do "Reich" só se conheça, até agora, um resultado - o tratado de triplice aliança com o Japão - não resta duvida de que outros seguirão. Esta manhã, por exemplo, chegou a esta cidade o Presidente da Junta política espanhola, que teve uma entrevista de uma hora e meia com o "Duce". Não se sabe, por ora, que forma precisa assumirá proximamente a cooperação do seu país com as potencias do "eixo" na guerra, mas o certo é que a mesma está destinada a tornar-se muito estreita. A sua neutralidade - ou melhor, a sua não beligerancia - ou desaparecerá totalmente, ou se tornará tal que os Italianos e os Alemães encontrarão na Espanha todas as facilidades imaginaveis para a sua luta contra a Inglaterra. Como premio, ser-lhe-á prometido, não só Gibraltar, como um Império africano. Depois chegará quasi certamente a vez da Grécia. Essa última será convidada, no minimo, a imprimir uma nova orientação à sua política, em favor das Potencias do "eixo". Além disso, não é impossivel que ela seja igualmente solicitada a fazer concessões territoriais à Albania e à Bulgaria.

9 Que se deve deduzir da nova atividade diplomática da Itália e da Alemanha? Seria fóra de propósito deduzir, como faz muita gente, que, sendo excusado pensar, por enquanto, em forçar a Inglaterra a qualquer forma de capitulação, se impõe para as Potencias do "eixo", por conseguinte, a necessidade de colocá-la, por outros meios do que a invasão do seu território, na posição que ter de abandonar a partida? Em todo o caso, é sabido que um dos fatores da resistência da Inglaterra é a esperança na ajuda crescente dos Estados-Unidos e todo o mundo acaba de vêr que a Itália e a Alemanha procuram impedi-la,

impedi-la, com a cooperação do Japão. Por outro lado, parece não haver duvida sôbre a intenção das Potencias do "eixo" de acelerar a sua ação no Mediterraneo, desde Suez até Gibraltar, como outra fórma diréta de ferir mortalmente a Inglaterra. Parecia mesmo em dado momento, conforme tive ensêjo de telegrafar a essa Secretaria de Estado, que isso era o motivo capital das recentes entrevistas de Roma, entre o "Duce" e o representante do "Fuehrer", von Ribbentrop.

A triplice aliança com o Japão

10 A assinatura em Berlim, no dia 27, do tratado de aliança entre a Itália, a Alemanha e o Japão, causou geral surpreza, conforme telegrafei a essa Secretaria de Estado. Posso dizer, com a mais absoluta certeza, que, nos circulos jornalisticos, entre redatores dos principais e mais oficiosos jornais de Roma, a noticia só foi conhecida poucas horas antes da chegada a Berlim do Conde Ciano. A êsse respeito, transcreverei alguns trechos do artigo que, na noite de 27 justamente, escreveu Giovanni Ansaldo, diretor do "Telegrafo", orgão do Ministro dos Negócios Estrangeiros. "Raramente na história diplomática moderna houve exemplo de um Tratado de aliança negociado com tanta reserva e com tamanho segredo... Todos os calculos, mesmo os mais arriscados, feitos êsses últimos dias a respeito dos coloquios de Roma, tomaram uma direção inteiramente diferente...Numa aliança entre as Potencias do "eixo" e o Japão, ninguem havia pensado". É a pura verdade. Os dirigentes da Itália, da Alemanha e do Japão merecem ser felicitados pela maneira admiravel como souberam tão bem conservar o sigilo.

11 A primeira impressão - que parece ser mesmo verdadeira - foi que o pacto é, antes de tudo, dirigido contra os Estados-Unidos. Os assuntos tratados durante a visita de von

von Ribbentrop a Roma haviam sido muito amplos. Isso era sabido. Eu havia tido a intuição, por êsse motivo, conforme informei essa Secretaria de Estado, que a questão da ajuda dos Estados-Unidos à Inglaterra não havia escapado às negociações dos dirigentes da diplomacia italo-alemã. Não era dificil. Em meu último relatório, eu havia chamado a atenção dessa Secretaria de Estado para a atitude da imprensa italiana em relação aos Estados-Unidos ultimamente. A linguagem dos orgãos mais autorisados, o mês passado, a propósito da cessão das 50 torpedeiras à Inglaterra, não podia deixar duvida sôbre a preocupação despertada pela progressão da cooperação anglo-americana. Na intimidade os Italianos eram muito francos sôbre a impressão de que a America do Norte deixaria de ser neutra. Isso, aliás, já muito antes do acôrdo anglo-americano do principio do mês passado.

12 Que a triplice aliança com o Japão é dirigida contra os Estados-Unidos, é uma coisa abertamente admitida pela imprensa mais autorisada do país. É admitido, por exemplo, por Virginio Gayda, porta-voz do Chefe do Govêrno,e por Giovanni Ansaldo, interprete do Conde Ciano. É uma advertencia, reconhecem êsses dois ilustres jornalistas, áqueles que, nos Estados-Unidos, no seu conceito, excitam a nação à guerra. Ora, quem são, no seu conceito, êsses partidarios da guerra? Os dois candidatos à futura Presidencia da República: o Presidente Roosevelt e o candidato Republicano, Wilkie.

13 A triplice aliança com o Japão é, sem a menor duvida, um ato diplomático da maior repercussão. Quem o não reconhecer,está completamente enganado. Mas é de uma gravidade sem precedentes, porque póde ser confundido com uma provocação. Os seus autores tiveram verdadeiramente em mente impedir a entrada dos Estados-Unidos na guerra? Alimentavam sincera-

sinceramente o receio da intervenção total e diréta daquela nação? Quizeram fazer simplesmente cessar, por meio de uma intimidação, o progresso da ajuda prestada à Inglaterra? Aí é que está o ponto grave, porque póde envolver, por uma razão que não chega a ser o receio de uma intervenção total e diréta, o continente americano em incidentes que podem degenerar em conflíto. O tratado de triplice aliança firmado em Berlim é um ato que projeta a guerra num espaço de dimensões impressionantes, em contraste, aliás, com a política muito habil, seguida até então pela Potencias do "eixo", com o maior sucesso,de sua localisação.

14 Mas a triplice aliança com o Japão não é somente dirigida contra os Estados-Unidos. É tambem uma arma contra a União Soviética. Isso a imprensa não confessa, mas se diz particularmente. É sabido que a Russia vem tecendo intrigas, ha certo tempo, junto aos Estados slavos da peninsula balcanica. É sabido igualmente que a atitude da Russia em relação ao acôrdo de Viena, sôbre a Transilvania, inspirou sérias desconfianças. Não sei a Alemanha, mas a Itália, ao que me consta, não se mostra disposta a tolerar que êsse estado de coisas continue na Europa oriental. A União Soviética foi, sem duvida, prevenida da assinatura do tratado. Por outro lado, o mesmo contem uma clausula que garante os seus acôrdos prévios com os seus sinatários. Mas a Russia não deve esquecer que a triplice aliança é um tratado entre as mesmas Potencias que firmaram o Pacto anti-komitern. É uma aliança entre países que a cercam por varios lados. Não seria nada surpreendente que Moscow fosse convidada proximamente a esclarecer a sua atitude para com o futuro estatuto da Europa oriental.

Itália e Estados-Unidos

15 Conforme tive o ensêjo de o dizer acima, os Ita-

Italianos na intimidade exprimem francamente a impressão de que os Estados-Unidos deixaram de ser neutros. Em meu último relatório, chamei a atenção dessa Secretaria de Estado para algumas reações da imprensa italiana deante da atitude dos americanos, nos últimos mêses, com relação à guerra. A imprensa, em suma, traduz o sentimento geral de que os Estados Unidos cometem uma verdadeira indiscreção, envolvendo-se em negócios exclusivamente europeus; de isso não se justifica, visto como a Itália e a Alemanha não haviam jamais manifestado a intenção de se envolverem, por sua vez, nos negócios do continente americano e de que, finalmente, a persistir a America do Norte na sua atitude, o resultado só poderia ser um dia, por força, o de levar a guerra para o continente, independentemente da vontade das Potencias do "eixo".

16 Durante o mês findo, repetidas foram as ocasiões em que a imprensa voltou de novo ao assunto. Para falar somente no principal dos jornalistas da Itália, Virginio Gayda, cinco vezes, pelo menos, êle se ocupou do mesmo tema, a respeito das 50 torpedeiras cedidas à Inglaterra; da cessão de carros armados ao Canadá; do discurso de Hitler; da duração da guerra; dos candidatos à Presidencia da República, etc. E, citando um jornalista com a reconhecida autoridade de Gayda, eu me julgo dispensado de mencionar os demais.

17 A propósito do caso das torpedeiras, tive ensêjo, como era natural, de resumir em telegrama para essa Secretaria de Estado, o seu artigo. O acôrdo entre os Estados-Unidos e a Inglaterra continha, a seu ver, duas lições: demonstrava as graves perdas da marinha inglêsa e comportava o sinal evidente, atravez das cessões territoriais aos Estados-Unidos, da dissolução do Imperio britanico. A respeito dos carros armados cedidos ao Canadá, êle dizia em outro artigo que a Itália

Itália e a Alemanha não protestariam, como não haviam protestado no caso das torpedeiras. Limitar-se-iam a acompanhar e a observar a singularidade de tais transações, em que viam simplesmente a expressão do estado eufórico de atividade comercial, no terreno militar, em que se encontrava a America do Norte. Sôbre a duração da guerra, Gayda escrevia, noutro dia, que os Estados-Unidos tinham interesse me prolonga-la, ao passo que a Inglaterra contava com o seu mais franco apoio e mesmo com a sua total intervenção. Por fim, certo Domingo, na "Voce d'Italia", que é um suplemento do "Giornale d'Italia", de que é diretor, êle lançava uma sorte de apêlo aos Estados-Unidos para que, assim como estavam procurando afastar a Inglaterra de suas fronteiras, pela aquisição de bases navais e aéreas, deviam compreender o interesse da Itália em querer tambem eliminá-la do Mediterraneo.

18 Como essa Secretaria de Estado está vendo, é interessante o estudo da atitude da imprensa italiana para com os Estados-Unidos. Ela revelou apenas, até agora, o interesse natural do público italiano pelas inclinações de uma grande potencia hostil à sua causa e a da Alemanha. Não chegou, até o presente momento, a haver uma campanha verdadeira, orientada num determinado sentido, a não ser para demonstrar que a atitude dos americanos não encontrava justificativa nos propósitos das Potencias do "eixo". Havia mesmo certas contradições na sua linguagem. A idéa da triplice aliança com o Japão não tinha ainda amadurecido. É preciso ver, daqui por diante, agora que o tratado assinado em Berlim conferiu uma forma concreta à reação das Potencias do "eixo", como isso se traduzirá na imprensa, quando os Estados-Unidos oferecerem novos motivos de critica pela sua atitude.

19 Em todo o caso, é preciso prevêr futuramente mo-

momentos de certa tensão entre os Estados-Unidos e a Itália, para não falar em sua aliada. Isso sem ser muito pessimista. Os acontecimentos marcham a passos rapidos. Em Março dêste ano, os Estados-Unidos ainda esperavam cooperar com a Itália, no sentido de uma solução do conflíto europeu. Até Maio, ou mesmo quasi até Junho, essa esperança não foi completamente perdida. Hoje, o minimo que se póde dizer é que as duas nações se olham com profunda desconfiança.

O Brasil

20 Nada houve a assinalar, durante o mês de Setembro findo, com relação ao Brasil. Conforme comuniquei a essa Secretaria de Estado, a imprensa não se ocupou do discurso pronunciado, no dia 7, pelo Presidente da República. Soube, depois, que alguns jornais da provincia haviam feito ao discurso uma breve alusão, no seu noticiário telegráfico.

Argentina

21 No dia 11, no "Giornale d'Italia", o seu redator, Comendador Alberto De Angelis, publicou um artigo intitulado: - "La Missione militare argentina esalta l'organizzazione delle Forze Armate italiane". O artigo era uma entrevista com um dos oficiais da Missão, dirigida pelo Coronel Sosa Molina e que se achava na Alemanha até 1939, quando começou a guerra.

Roma, 2 de Outubro de 1940.

P. Pinto Veloso

Seguiu uma cópia por via aérea

ARQUIVO
25 NOV 40
SAIDO

EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

NP

Nº 289

RESERVADO

Mês político nº 10.
Outubro de 1940.

900.1(90) 120.

S. DE E. DAS ... DES ...
SERVIÇO DE ...
25 NOV. 1940
Nº 15332

A Embaixada do Brasil em Roma tem a honra de remeter à Secretaria de Estado das Relações Exteriores, nos termos da Circular nº 1.248, de 17 de Setembro de 1938, o incluso relatorio político do mês de Outubro de 1940.

./1

Roma, 5 de Novembro de 1940.

Emb. Roma/289/1940/Anéxo único.

RELATORIO POLITICO DE OUTUBRO REDIGIDO PESSOALMENTE PELO CHEFE DA MISSÃO.

Em materia de operações militares, no que diz respeito à Itália, nada existe de interessante a assinalar, com relação ao mês de Outubro findo. Na fronteira do Egíto, as forças sob as ordens do Marechal Graziani não se moveram de Sidi-Barrani, desde a ocupação daquele posto em Setembro. E'de presumir-se que o proseguimento da campanha em territorio egipcio esteja subordinado, não só à ultimação de preparativos propriamente ditos de caráter militar, como tambem à presença de condições políticas para cuja realisação ainda tendem, talvez, os esforços das Potencias do "eixo". Os acontecimentos militares, tanto no Mediterraneo, quanto no Mar Vermelho, limitaram-se a dois encontros navais, em 15 e 23 de Outubro respectivamente, sôbre cujos resultados os comunicados italianos e britanico são contraditorios, cada qual atribuindo a vitória ao seu partido

2 As operações militares contra a Grecia, começadas no dia 28 de Outubro, são ainda muito recentes e imprecisas para que mereçam ser assinaladas nêste relatorio.

3 Mas o mês de Outubro, por outro lado, foi fertil verdadeiramente, sob o ponto de vista da atividade política desenvolvida pelas Potencias do "eixo". Começou com a entrevista, no Brennero, entre o Duce e o Fuehrer e terminou com o seu encontro em Florença. Isso sem falar na visita a Roma do Presidente da Junta Política da Espanha, Senhor Serrano Suñer, depois nomeado Ministro dos Negócios Estrangeiros; na missão do Marechal de Bono a Madrid, afim de entregar ao Caudilho, General Franco, o Colar da Santissima Anunciada, e outros fatos menores.

menores.

A entrevista do Brennero

4 A entrevista do Brennero, entre o Chefe dêste Govêrno e o Chanceler do Reich, não constituiu para esta Embaixada nenhuma surprêsa. No meu relatorio precedente, tratando da visita a Roma de von Ribbentrop, eu dissera que não se tinha efetuado, logo depois, conforme se esperava, o encontro dos dois Chefes, mas não estava dito que outras entrevistas não tivessem ainda lugar entre os homens de Estado da Alemanha e da Itália. Com efeito, quando da visita de von Ribbentrop, eu fôra informado de que em certos meios, geralmente ao corrente do que se passa, se dizia que o Duce e o Fuehrer se encontrariam e tive mesmo ensêjo de transmitir isso por telegrama ao Senhor Ministro de Estado.

5 Sôbre a referida entrevista, o meu primeiro telegrama ao Senhor Ministro de Estado foi descrevendo os esforços que eu havia feito, em vão, no primeiro dia, para colher elementos seguros de informação. Não deixaria de ter interesse deixar aqui narrado o que, na manhã de 4 de Outubro, correu em Roma sôbre o encontro dos dois Chefes. De fonte italiana me haviam posto em guarda contra certas vozes de que o plano de desembarque e invasão das Ilhas britanicas seria abandonado. De fonte alemã me chegára aos ouvidos, por meio de um coléga, que se estava na iminencia de uma nova ofensiva de paz. De seguro, só ouvi duas coisas: que o Senhor Serrano Suner adiara a sua partida, para aguardar o resultado da entrevista, e que o Duce, depois do seu encontro, se deixaria ficar no norte da Itália algum tempo, não só inspecionando forças, como tambem examinando de perto o estado de animo da população em relação ao curso da guerra.

6 Depois vieram ao meu conhecimento, não direi

direi informações, nem mesmo rumores, mas pontos de vista simplesmente, sôbre o que poderia haver determinado o encontro do Brennero. O mais interessante era que o Duce e o Fuehrer encaravam diversamente a questão da intervenção da Espanha e do destino de Gibraltar. O primeiro não simpatisava com a idéa da intervenção da Espanha, por motivos de ordem política, militar e economica. As condições economicas daquele país eram criticas; no plano militar, a Itália, empenhada em outros setores, não estava disposta a socorre-la e, politicamente, a situação interna da Espanha não era das mais tranquilisadoras. Quanto ao futuro de Gibraltar, dada a importancia vital para a Itália daquela posição, Mussolini desejava assegurar-se, sob qualquer forma, o seu controle. Por conseguinte, com relação à Espanha , se um julgava acertado, se assim me posso exprimir, precipitar os fatos, o outro era inclinado a agir com vagar, pelo contrario.

7 Insisto em dizer que não se tratava de uma informação, mas simplesmente de um sentimento, de uma maneira de pensar, de uma intuição, por parte de alguem habituado a seguir, com inteligencia, os acontecimentos. Refiro-me, aliás, a um Italiano. Achei, portanto, que não devia afastar inteiramente, como infundado,o seu ponto de vista.

8 Mas, em resumo, hoje parece evidente que o encontro do Brennero foi motivado pelo aspeto que a situação revestia, à vista da resistencia inesperada oferecida pela Inglaterra e pelos efeitos que podessem causar a atitude dos Estados-Unidos, isto é, a progressão de sua ajuda material e a eventualidade de sua intervenção. A visita de von Ribbentrop a Roma, seguida da do Conde Ciano a Berlim, não digo que não se ligasse tambem ao mesmo motivo, mas fôra determinada especialmente para conferir à assinatura do tratado de triplice aliança com o Japão a devida

devida encenação, conforme o estilo habitual do "eixo". Quanto ao exame concreto dos problemas creados pela resistencia da Inglaterra - inclusive problemas de ordem interior surgidos com a prolongação inevitavel da guerra - e dos meios de lhes fazer frente, foi a razão da entrevista entre os dois Chefes.

9 Nessas condições, o tema debatido foi de carácter prevalentemente militar. As soluções políticas examinadas, afastadas ou adotadas, foram-no em função do problema de vencer a Inglaterra pelas armas no mais breve espaço de tempo possivel - porque isso é uma questão muito essencial para uma vitória total do "eixo" - quer dirétamente, pelo desembarque nas Ilhas Britanicas, quer indirétamente, pela conquista do Egíto. "A palavra às armas", disse aliás, depois de terminada a entrevista, o Diretor do "Giornale d'Italia", porta-voz reconhecido do Chefe dêste Govêrno. E, desde que o desembarque nas Ilhas Britanicas é um problema militar cuja solução mostrou requerer certa lentidão nos seus preparativos, os dois Chefes, sem abandonar aquele plano - como acredito que não abandonaram - resolveram concentrar os seus esforços no setor da Europa Oriental e do Mediterraneo, com o fim de eliminar os pontos de apoio com que a Inglaterra ainda conta no continente, conquistar o Egíto e assegurar-se o petroleo do Golfo Persico, num futuro próximo, para o que der e vier. O "eixo" tem, no fundo, duas preocupações graves: a proximidade da vitória, para a mesma ser total e, durando a resistencia da Inglaterra, a questão do petroleo, não obstante o que encontrou nos países ocupados e a produção da Rumania e da Polonia.

10 Os fatos estão mostrando, alíás, os resultados da entrevista do Brennero. Em primeiro lugar, a ocupação militar da Rumania e, em seguida a guerra da Itália contra a Grecia

Grecia. A Rumania será a base de ação da Alemanha contra a Turquia. Dominada essa última, a Alemanha dominará ipso facto toda a Asia Menor. Abre-se-lhe, portanto o caminho do Golfo Persico. Quanto à Grecia, esta Embaixada tem dado a entender nos seus relatorios, desde Agôsto, que a sua ocupação era uma condição julgada necessaria pela Itália à continuação da marcha do Marechal Graziani contra o Egito. Os fatos, alem disso, confirmaram tambem, até agora, o que informei por telegrama ao Senhor Ministro de Estado, isto é, que estava afastada a hipótese da intervenção da Espanha.

O encontro de Florença

11 O encontro de Florença, ao que me conste, não foi aqui previsto por ninguem. Os dois Chefes haviam adotado ha muito tempo o habito de se encontrarem no Brennero, cada qual viajando a metade do caminho. O Chanceler alemão estava, por assim dizer, na vespera em França, na fronteira espanhola, em conferencia com o General Franco. O Chefe dêste Govêrno havia justamente regressado do norte da Itália e estava cheio de compromissos em Roma, inspecionando serviços e instituições públicas, etc. Todo mundo sabia que estavamos na iminencia da ação contra a Grecia. Corriam tambem rumores de reformas na composição do Govêrno. O Chefe, em circunstancias tais, não costuma mover-se.

12 A versão mais merecedora de credito é que o encontro de Florença foi motivado pela necessidade de Hitler pôr Mussolini ao corrente de suas negociações com o Marechal Pétain e com o General Franco. A imprensa sustenta que essas entrevistas do Fuehrer foram consequencias do encontro do Brennero, no principio do mês de Outubro. Ninguem tem elementos para dizer o contrario. Mas o fato é que, enquanto elas tinham lugar, todos notaram o pouco relevo que lhe deram aqui os jornais.

jornais. As mesmas, até os dois Chefes se encontrarem em Florença, não haviam sido objéto do mais leve comentario e, ao passo que a imprensa alemã reservava às suas noticias um espaço conspicuo, essas últimas aqui eram publicadas em tipo diminuto e nem sempre na primeira pagina.

13 Falar em desacôrdo entre o Duce e o Fuehrer sôbre a conduta da guerra, seria positivamente um exagero. Isso, porem, não impede o sentimento, existente nêste momento, de que em relação à questão da Espanha e da França, por exemplo, um não havia conseguido ainda convencer o outro inteiramente dos seus pontos de vista respectivos, pelo menos, até o encontro de ambos em Florença. No momento preciso em que o fato tinha lugar, o Diretor do "Giornale d'Italia", em artigo de fundo, depois de se referir vagamente a intrigas da Inglaterra na Espanha contra o "eixo", dizia sôbre a França o seguinte: - "A mais cuidadosa reserva deve ser ainda mantida sôbre a política francêsa".

14 A verdade é que na Itália, sôbre a França, o esforço ainda é constante para incutir e manter no público o sentimento de sua hostilidade, num passado ainda próximo, contra essa nação. Por último, uma viva propaganda foi organisada sôbre os graves vexames impostos pela França, no momento da declaração de guerra, aos prisioneiros italianos. Entre outras coisas, foi publicado um importante volume documentado, sôbre a questão, com um prefacio vibrante de indignação, pelo Ministro da Cultura popular. A Itália, em suma, não deseja abrir mão de nenhuma de suas reivindicações contra a França e essas compreendem um departamento inteiro, parte de outro e vastissimos territorios coloniais.

15 Na Alemanha o sentimento é diverso. O esforço é, pelo contrario, todo dirigido no sentido de eliminar a

a odiosidade que existiu entre os dois povos, no passado. Os jornais alemães tratam a França de "inimigo valoroso", epiteto que jamais lhe conferiu, nem lhe conferirá, a imprensa italiana. Os seus dirigentes têm conciencia de que o papel daquela nação como Potencia de primeira classe terminou na Europa. Por conseguinte, estabelecido o principio da reintegração da Alsacia e da Lorena, a Alemanha encara com interesse uma política de aproximação e colaboração com a França, sincera por parte dessa última, e é inclinada a trata-la de modo a não comprometer a sua realisação.

16 Mussolini vê com certa apreenção êsse estado de espirito de sua aliada, porque o seu maior interesse, como indiquei acima, é impor à França condições duras de paz e receia qualquer jogo dessa última no sentido de evita-las. Por assim dizer, não é preciso mais para explicar a razão da viagem de Hitler a Florença. Estabelecido entre êle e o Marechal Pétain um acôrdo de principio para a colaboração entre a Alemanha e a França, não sei se no curso próximo da guerra, mas, em todo o caso, na reorganisação futura da Europa, era natural que o Chanceler alemão, antes de proseguir as negociações, tivesse necessidade de um entendimento final com o Chefe dêste Govêrno. A entrevista entre ambos durou varias horas, seguida de imponentes manifestações populares. Os jornais, depois disso, nunca insistiram tanto sôbre a perfeita e absoluta solidariedade entre os dois Chefes.

17 Giovanni Ansaldo, no "Telegrafo", declarou: - "O encontro de Florença mostrou que existe a mais completa solidariedade entre os dois Chefes e os dois Estados". O Diretor do "Giornale d'Italia", comentando o acontecimento, depois de passado, disse que a colaboração entre êles era, não só geral, como tambem concreta e especifica, com relação a todas as

as questões gerais e particulares que interessavam às duas Potencias aliadas e acrescentou que o conceito se aplicava igualmente à França, cujo caso, depois das últimas entrevistas do Fuehrer em territorio ocupado, se tornára dos mais sensiveis à opinião pública de vários países. Deante do problema francês, escreveu êle, as duas Potencias se mantinham unidas, como desde o principio. E terminou: - "Isso significa que, sem humilhar o vencido, ambas mantêm os seus postulados intatos". Para quem sabe ler, a parte final de sua sentença, sôbre a intangibilidade dos "postulados", se aplica especialmente à Itália.

Rocca delle Carminate

18 Terminado o encontro de Florença, Mussolini, depois de uma brevissima estada em Roma, retirou-se para Rocca delle Carminate. Aqui existe a tradição de que êsses retiros seus nunca têm lugar em vão. Prenunciam golpes dramaticos na situação européa, como quando a Alemanha ocupou a Austria, ou decisões internas e externas de importante alcance.

19 Não tenho elementos para dizer o que, desta vez, [illegible] o seu retiro significa. Talvez coisa nenhuma. A grave decisão quanto à Grécia foi tomada antes mesmo do encontro de Florença. Haviam corrido rumores, como já indiquei, de mudanças na composição do Govêrno. Não saberei informar se elas se limitarão, como já sucedeu, à substituição do Secretario Geral do Partido Fascista e à designação de um novo Ministro das Obras Públicas. A verdade, porem,é que as decisões de Mussolini sôbre a composição do seu Govêrno são sempre tomadas inesperadamente, sob o maior segredo.

A guerra contra a Grécia

20 A guerra contra a Grécia começou no dia 28, depois de uma nota apresentada pelo Ministro da Itália em Atenas

Atenas, às tres horas da madrugada, ao General Metaxas, Presidente do Consêlho. No dia 26, a Legação da Itália havia aberto os seus salões para uma solene recepção ao Rei, aos membros do Govêrno e à sociedade. O texto da nota será enviada em separado a essa Secretaria de Estado por esta Embaixada. Ela se refere a uma serie de átos praticados pela Grécia, contra a sua propria neutralidade, em favor da Inglaterra, inclusive auxilios prestados com frequencia à frota e à aviação daquele país; recorda repetidos passos dados em Atenas pela Itália, para chamar a atenção do Govêrno grego sôbre as suas graves consequencias e, finalmente, requer como garantia contra a sua repetição a ocupação de vários pontos do territorio helenico.

21 A ação da Itália contra a Grécia era esperada. Basta essa Secretaria de Estado verificar os relatorios desta Embaixada, desde Agôsto. Naquela ocasião, ela pareceu, em dado momento, iminente. Foi adiada não se sabe ao certo porque. Aqui correu que a Alemanha interviera, no sentido de susta-la. Mas os preparativos militares não cessaram de proseguir, inclusive, alíás, contra a Yugoslavia. Por fim, depois da entrevista do Brennero, não houve mais duvida a respeito. Foi mesmo dada a sua data, que os fatos confirmaram. Recentemente tive ensêjo de telegrafar ao Senhor Ministro de Estado, informando que a invasão da Grécia pela Itália fazia parte do plano de uma ação gigantesca no Mediterraneo contra a Inglaterra.

22 Excusado é lembrar que, em 10 de Junho findo, Mussolini assegurou publicamente à Grécia a sua intenção de não entrar em guerra contra ela. Entretanto, era sabido que a Itália tinha reivindicações territoriais contra a Grécia, como contra a Yugoslavia. O Chefe dêste Govêrno pensava que, devidamente apoiados pelas armas, elas poderiam encontrar oportuna-

oportunamente, no momento da paz, uma solução pacifica. Mas a situação, de então em deante, mudou profundamente. A Inglaterra não se resignou a considerar-se vencida depois do descalabro da França. Tornára-se evidente que, para domina-la, era preciso lutar, conquistar o Egíto pelas armas e eliminar seus eventuais pontos de apoio no continente europeu. A campanha contra o Egíto não podia mesmo ser conduzida a fundo sem que a Itália se sentisse perfeitamente garantida na Grécia propriamente dita e em suas ilhas. A ação contra a Grécia só oferecia um risco: a Turquia. Mas, desde que a Alemanha, instalada na Rumania, possuia os meios de conter aquele país, a operação podia considerar-se madura.

23 Chegará o dia da Yugoslavia, tal e qual sucedeu com a Grécia. A questão é que a Yugoslavia, cuja posição é diferente, agirá provavelmente de outro modo, isto é, fará tudo quanto lhe for reclamado; submeter-se-á a todas as imposições. Não é de excluir-se inteiramente que a Itália, apezar de tudo, contasse por parte da Grécia com um acolhimento diferente às reclamações que lhe apresentou. E'verdadeiramente curioso que, no dia 28, não obstante a entrega da nota em Atenas tivesse tilugar de madrugada e as hostilidades tivessem tido inicio às 6 horas da manhã, em Roma os jornais de meio-dia não contivessem uma só linha a respeito, quando a noticia já corria o mundo inteiro. Só à tarde, doze horas depois, foi ela publicada e assim mesmo sem nenhuma menção de declaração de guerra. Dir-se-ia, com efeito, que até o último momento, apezar da atitude imediatamente assumida pela Grécia, a Itália esperasse ainda ocupa-la pacificamente.

24 A guerra contra a Grécia está em seu inicio. E' muito cedo ainda para se fazerem prognosticos. Mas não parece, à primeira vista, que aquele país possa resistir muito tempo à

à pressão das armas italianas, muito superiores em numero. O auxilio da Inglaterra limitar-se-á à aviação e à frota. A marcha dos Italianos poderá ser contida, no principio, até certo ponto, pelas condições do terreno, que é montanhoso. E' fatal, porem, que o Govêrno Grego, mais tarde ou mais cedo, terá que refugiar-se em Creta.

Estados-Unidos

25 A medida que passa o tempo e que a guerra evolue, a posição dos Estados-Unidos aumenta de interesse para as Potencias do "eixo". Esse interesse cresce dia a dia na Itália e se reflete na imprensa onde, durante o mês passado, não houve quasi um gesto do seu Govêrno ou uma palavra dos seus homens que não repercutisse de qualquer maneira nos seus jornais. A palavra d'ordem é, sem duvida, afetar indiferença pela atitude da grande República americana, pelas suas próximas eleições, pelo triunfo dêsse ou daquele candidato e pelo apoio moral e material à Inglaterra, sob o pretexto de que nada poderá mais influir sôbre o curso dos acontecimentos, assegurada como está a vitória total da Alemanha e da Itália, pelos seus repetidos sucessos e pelo isolamento em que os mesmos colocaram a Inglaterra na Europa. Mas, no intimo, a progressão dos auxilios prestados pelos Estados-Unidos ao Império Britanico e a sua firme determinação de aumenta-los se vae tornando inquietante, ao ponto de causar irritação.

26 Não pode escapar à gente dêste país que o apoio moral e material dos Estados-Unidos é uma das causas principais da resistencia da Inglaterra e que a mesma resistencia e o mesmo apoio combinados para aumentar o potencial bélico dessa última nação, estão criando embaraços crescentes à vitória rapida e total procurada pelas Potencias do "eixo". Não tardará o dia em que, depois de sua principal adversaria, os Estados-Unidos

Unidos serão na Itália o mais impopular de todos os países.

27 Não existe ainda a convinção de que seja fatal a sua intervenção. Ainda se espera que, antes disso, a guerra possa estar terminada. Mas, como já indiquei, o efeito de sua presente atitude, independentemente do que venha a suceder no futuro, já é tida na devida conta. E isso, então, agravado pelo seu programa de armamento, é taxado da mais profunda hipocrisia. Os Estados-Unidos são acusados de estarem simplesmente agindo por traz de uma mascara para encobrir os seus designios agressivos. O seu fim não seria outro senão incitar o processo destrutivo do Império Britanico, para herdar as suas posições e riquezas. O discurso do Secretario da Marinha, Knox, falando na aquisição de novas bases navais no Pacifico, foi acremente tratado pelo Diretor do "Giornale d'Italia", Virginio Gayda. Escreveu êle, terminando um longo artigo a êsse respeito: - "O mundo aprende dêsse último que os Estados-Unidos, simulando preocupações de defêsa nacional, pensam no dominio dos mares, exatamente como a Inglaterra, ou melhor,em governar o mundo".

28 Como é natural, a colonia americana mostra-se nervosa. Muitos dos seus membros preparam-se para deixar a Itália. Quanto ao Embaixador, William Phillips, que se achava em férias no seu país, foi definitivamente anunciado o mês passado que ela não regressaria mais ao seu posto.

Situação economica

29 A aptidão economica da Itália para fazer face a uma guerra prolongada é uma das questões que mais têm aguçado a curiosidade dos que estão acompanhando a sua vida. Até muito pouco tempo não era possivel encontrar uma indicação que revelasse a sua realidade. A situação era perfeitamente normal. O café faltava desde Setembro de 1939, sem que para isso houvesse concorrido o bloqueio, que só começou em Junho. A gazolina era

era restrita, tambem desde a mesma época em que fora proibida a venda do café. O assucar fora limitado. O consumo da carne fora regulado. Quanto ao mais, porem,era exatamente como se o país estivesse em paz. Aliás, como a Itália entrara em guerra no principio do verão, a questão do carvão e do aquecimento tinha caráter secundaria.

30 O mês passado, porem, foram racionados o azeite, a manteiga e a banha. Era o primeiro efeito visivel verdadeiramente da guerra sôbre a situação economica do país. E, por enquanto, nada tem de particularmente grave. Eu mesmo sou testemunha, por exemplo, de que o pão, durante a outra guerra era muito inferior ao que hoje se come.

31 A questão são as conclusões que se podem tirar dessas restrições agora decretadas. Servirão elas para esclarecer o problema da real situação economica da Itália? Por quanto tempo serão mantidas dentro dêsses limites ? Serão agravadas num futuro próximo? Ainda é cedo para se formar um juizo seguro a proposito. Em todo o caso, no que diz respeito ao problema alimentar, a situação não parece absolutamente alarmante. Presentemente, a Itália é mesmo, nêsse particular, um dos países mais privilegiados da Europa. Creio que só Portugal lhe leva vantagem.

32 Mas, por mais que isso tenha importancia, a questão alimentar não é tudo na vida economica de uma nação. No mundo de hoje, sobretudo para um Estado em guerra, existe a do petroleo e a das materias primas para a alimentação de suas industrias. Corre, a êsse respeito, que as reservas existentes são muito pobres. Esta Embaixada, porem, não possue elementos para se pronunciar sôbre o fundamento de tais rumores.

BRASIL

33 Os jornais, pelo menos em Roma, não fizeram

fizeram nenhuma referencia à excursão do Presidente da República ao Pará, ao Amazonas e ao Acre. Tambem nada publicaram sôbre a noticia, divulgada pelo radio de Londres, sôbre a cessão aos Estados-Unidos de bases navais e aéreas em nosso territorio. No dia 19 de Outubro, foi noticiado em telegrama do Rio de Janeiro que, na próxima reunião da Comissão Interamericana de Neutralidade, seria discutida a questão das Ilhas Falkland e que, nessa ocasião, a Argentina reclamaria a sua posse.

Roma, 5 de Novembro de 1940

P. Pinto Vieira

EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Nº 317

RESERVADO

Mês político nº 11.
Novembro de 1940.

900.1/96/4

S. DE E. DAS RELAÇÕES EXTERIORES
SERVIÇO DE COMUNICAÇÕES
18 DEZ 1940
Nº 16601

A Embaixada do Brasil em Roma tem a honra de remeter à Secretaria de Estado das Relações Exteriores, nos termos da Circular nº 1.248, de 17 de Setembro de 1938, o incluso relatorio político do mês de Novembro de 1940.

./1

Roma, 3 de Dezembro de 1940.

Emb. Roma/317/1940/Anéxo único.

RELATORIO POLÍTICO DE NOVEMBRO REDIGIDO PESSOALMENTE PELO CHEFE DA MISSÃO.

Para a Itália, durante o mês passado, o acontecimento culminante foi a guerra contra a Grecia. Não resta a menor duvida sôbre o insucesso das armas italianas naquela campanha. E não resta duvida igualmente sôbre os efeitos daquele insucesso sôbre o seu prestigio. Os meus relatórios são os mais imparciais. Nunca deixei de reconhecer e assinalar os sucessos das armas italianas na Africa oriental e setentrional. Os meus relatorios de Setembro e Outubro estão aí para prová-lo. Mas hoje sou obrigado a insitir no aspéto muito grave, sob o ponto de vista do prestigio militar da Itália, do regime e do seu Chefe, que revestiu o curso das operações militares na Grecia inicialmente e, depois, na Albania. A Itália terá meios para restabelecer aos poucos a situação. Esse, aliás, é o firme proposito do Govêrno e do Estado-Maior. O golpe, contudo, foi vibrado e sentido.

2 O modo como as operações militares desenvolveram-se no setor grego e albanês causou geral surprêsa. Essa surprêsa, como alguem me dizia ha dias, foi profunda mesmo entre os proprios gregos. Como conceber-se que uma grande potencia militar como a Itália jogasse o seu prestigio numa campanha, sem estar certa absolutamente de poder conduzi-la vitoriosamente desde o inicio? Meios não lhe faltam, em homens, em material e em chefes. O que lhe faltou, portanto, foi a preparação. Em meu relatorio relativo ao mês de Outubro, eu escrevera que nada se podia dizer, por enquanto, sôbre a guerra contra a Grecia, começada sómente no dia 28. Mas deixei antever que ela seria rapida e de resultados fatais para aquele país. Descrevi a situação

situação do Govêrno grego como não tendo outro recurso senão refugiar-se em Creta. Era o sentimento geral. Duas semanas era o prazo maximo que se dava à Itália para triunfar completamente, tanto mais quanto os socorros da Inglaterra seriam forçosamente reduzidos.

3 Incontestavelmente, o erro foi de preparação. Correm a respeito da grave decisão tomada pela Itália em 28 de Outubro findo uma quantidade de versões que, por mais verosimeis que sejam, eu não reproduzo nêste relatorio porque não tenho meios de controlar o seu fundamento. Mas insisto em dizer que o erro foi de preparação. As tropas eram bôas: varias divisões e varios regimentos de escol, como as divisões alpinas e o regimento "Aosta Cavalleria". Eram, porem, insuficientes deante do numero das forças gregas. A conclusão lógica é que o Govêrno italiano partira do principio de que essas últimas não se bateriam; de que não haveria guerra propriamente dita. Por conseguinte, assim como a preparação militar, a preparação política foi deficiente, num contraste flagrante com a segurança perfeita com que, em circunstancias semelhantes, a Alemanha sabe agir militar e politicamente. O que o episodio da Grecia revela, aqui se diz, é a diferença entre o espirito nordico e o latino.

4 A Itália descuidou a sua preparação militar no plano de campanha contra a Grecia pelo fáto de haver mal calculado o verdadeiro estado das forças gregas. Cometeu um erro que a Alemanha não teria jamais cometido (exemplo, a guerra contra a Polonia), isto é, não estimar devidamente o valor do adversario. O resultado foi desastroso para as forças italianas: duas divisões desbaratadas, um regimento inteiro aniquilado, perda de milhares de prisioneiros e de material - tanks, caminhões,

Caminhões, artilharia pesada e ligeira, metralhadoras, outras armas e até aviões. Os gregos, que deveriam ser invadidos, tornaram-se invasores. A guerra, que começara na Grecia, passou a ser combatida em territorio albanês, onde o adversário ocupou cidades e pontos estrategicos importantes.

5 Sob um ponto de vista hoje mais histórico do que outra coisa, mas nem por isso menos palpitante, a questão importante a elucidar é a de saber a quem cabe a responsabilidade de tamanha falta. A êsse respeito, a opinião na Itália é unanime, por assim dizer: a culpa é exclusivamente do Duce. Não saberei dizer até que ponto é verdadeira a versão de que o Fuehrer se opuzera ao seu projéto. O certo, porém, é que tanto o Estado-Maior do Exército, quanto o Estado-Maior da Marinha, e especialmente o Estado-Maior Geral, presidido pelo Marechal Badoglio eram contrarios. O Estado-Maior Geral era de parecer que as forças de que a Itália dispunha na Albania eram insuficientes. O mesmo achava que seriam necessárias 20 divisões. Desde o verão passado que o Duce cogitava de ocupar a Grecia. Conforme tive ensejo de informar essa Secretaria de Estado, correra naquela ocasião que êle desistira, por conselho do Fuehrer. Não deixa de ser significativo que êle se tivesse decidido a faze-lo, no dia 28 de Outubro, poucas horas antes de encontrar o Chanceler do Reich em Florença. Quer dizer que desprezou os conselhos de todos aqueles que tinham autoridade para lhos dar e assumiu sósinho a responsabilidade de seu gesto.

6 Num outro regime, o Chefe do Govêrno teria perdido a confiança da nação. O Exército grego, felizmente para a Itália, não possue meios para explorar a fundo a sua vitória. As forças italianas, aos poucos, se vão preparando para resistir à ofensiva do adversário. Esse último tem agora avançado pouco

pouco e com muita dificuldade. Mas, provavelmente, serão precisos mêses para que a situação se restabeleça inteiramente a favor dos Italianos. Não só a estação invernal constituirá um embaraço para as suas operações, como tambem as dificuldades que se opõem à remessa de reforços por mar são grandes. Enquanto isso, não se deve excluir a hipótese da situação creada pelo insucesso da Itália na Grecia ter certos efeitos no resto da peninsula balcânica. Eles serão de maior ou menor alcance, mas não podem deixar de manifestar-se.

O discurso do Duce

7 No dia 18 de Novembro, aniversário das sanções decretadas contra a Itália, por causa da guerra contra a Abyssinia, o Duce convocou a Roma os jerarcas provinciais do Partido Fascista. Por volta do meio-dia, no salão apropriado do Palazzo Venezia, êle lhes leu um discurso, que foi ouvido tambem pela multidão reunida na praça e por toda a nação. Desde 10 de Junho, dia da declaração de guerra à França e à Inglaterra, o Duce não pronunciava um verdadeiro discurso. Ultimamente êle tem limitado o seu contato com o povo a palavras muito breves, reafirmando aqui e alí, segundo as circunstâncias, um ou outro pensamento relativamente a esta ou aquela atitude, a esta ou aquela iniciativa da Itália. No dia 18 de Novembro, o momento político obrigou-o a quebrar essa linha de condúta adotada, para, fazendo uma resvista dos acontecimentos políticos e militares, desde a entrada da Itália na guerra, explicar e justificar a sua ação. O discurso terminou por um apelo muito significativo ao Partido Facista para intensificar a sua atividade; para reassumir as suas funções, "com imutavel e crescente rigor", internamente, no terreno político, economico e espiritual; para libertar-se e libertar a nação "dalla superstite zavorra piccolo-borghese" (zavorra quer dizer pêso, lastro), no sentido mais

mais lato que se possa dar àquela expressão.

8 O público não sabia que o Duce devia falar naquele. Conhecia-se a convocação dos jerarcas provinciais para o aniversário do decreto das sanções, mas era tudo. Como sucede habitualmente, só alguns momentos antes foi espalhada a noticia. Mas, quem estivesse observando o ambiente italiano, sentia que a sua intervenção pessoal se impunha para tranquilisar o público e levantar-lhe o moral. Primeira decepção do povo italiano: a prolongação da guerra. Tinham-lhe incutido no espirito a esperança de uma guerra muito breve, que deveria terminar em Setembro ou Outubro, trazendo para a Itália a realisação de todas as suas reivindicações - e mesmo muito mais do que isso - sem grandes sacrificios, nem para as suas forças armadas, nem para o seu povo. Em vez disso, passaram-se aqueles dois mêses e, não sómente a maior incerteza começou a reinar quanto à conclusão da paz, como tambem o povo, na sua vida de todos os dias, começou a sentir os efeitos do conflito em que estava empenhado. Segunda decepção: a guerra contra a Grecia. O povo contava com uma guerra relampago, com a capitulação de Atenas no fim de duas semanas. Em vez disso, depois de um mês de hostilidades, os Gregos haviam invadido a Albania. Terceira decepção: o bombardeio de Taranto. Como das outras vêses, o fato viera despertar o povo italiano de um profundo engano. Haviam-no habituado com a idéa da deficiencia da aviação britânica: pilotos mediocres, voando à grande altura e sem pontaria; bombas que não explodiam ou eram jogadas a esmo nos campos ou no mar; ataques que não causavam jamais danos materiais, nem vitimas. De repente corre a voz de que essa mesma aviação investe uma base naval e acerta em tres grandes navios de guerra, atingindo gravemente um dêles com um torpedo que penetra até às

às maquinas e só não o pondo a pique devido à presença de espirito do seu comandante, que resolve encalhá-lo à toda pressa. No começo de um inverno de guerra, que não se apresentava sob as côres as mais róseas para um povo que não fôra moralmente preparado a suportá-lo, as noticias da Grecia e de Taranto não podiam deixar de causar profunda impressão. Impunha-se, para tranquilisá-lo, a palavra do Duce.

9 O seu discurso foi de justificações e explicações, com uma exposição de fátos e motivos asseguradores da vitória final da Itália. Continha, segundo o público esperava, uma versão do bombardeio de Taranto, apresentada de maneira a atenuar os seus efeitos. Referia-se igualmente à Grecia, por sinal que num tom de rara violencia. Evidentemente, aquele não era o discurso que o Duce teria desèjado poder pronunciar depois da entrada da Itália na guerra. Não era o de um total triunfador. Tinha, como não podia deixar de ter, referencias aos feitos militares da Itália na Africa, assim como à ação de sua Marinha e de sua Aviação em vários setores. Insistia na colaboração da Aviação italiana com a alemã, nos bombardeios contra a Inglaterra. Mas enfim era um discurso para justificar a uma população inquieta dois graves insucessos - graves e recentes. O seu intimo sentimento de desgosto revelou-se no seu tom. Os que o ouviram impressionaram-se com a colera que êle traduzia. De acôrdo com o seu temperamento, o Duce justificou-se atacando a Inglaterra, como não podia deixar de ser, a Grecia e, finalmente, o espirito pequeno-burguês de uma fração da população da Itália, não tolerando que possa existir de sua parte o menor vestigio de inquietude com relação ao futuro do país.

10 O discurso não produziu o efeito desejado. O Duce não esqueceu um só argumento para manter elevado o espirito

espirito nacional, nem sequer a reafirmação de que repelaria qualquer compromisso com a França, argumento êsse de valor num momento em que a Alemanha deseja a colaboração com sua ex-adversária. Mas a nação continuou inquieta como estava. Fatos poderão sómente modificar o seu estado de espirito e fazer com que ela cesse de murmurar, como nêste momento murmura. E os seus dirigentes tanto reconhecem essa necessidade, que se servem de tudo para iludí-la, como acontece com os exageros da imprensa em torno do encontro naval do Cabo Teulada, um combate que durou alguns minutos e em que, de lado a lado, duas naves apenas foram atingidas, cada uma por um obuz. Num ponto, aliás, o Govêrno aqui é injusto ou está mal informado. Ele supõe, conforme se deduz do trecho do discurso do Duce sôbre o espirito pequeno-burguês, que os descontentes na Itália são sómente os membros da aristocracia e da alta burguêsia, assim como a pequena-burguêsia. Esses últimos não sofreram e têm ainda como se defenderem contra as privações que se anunciam. A verdadeira explosão de descontentamento se manifesta no povo, cujos sofrimentos, devido à falta de carvão e ao encarecimento de todos os generos, já é uma realidade. A aristocracia, assim como a alta e pequena burguêsia, pode externar a sua desaprovação da política, da cônduta da guerra e do regime, em circulos restritos. Mas o povo, como já tem sucedido, manifesta os seus sentimentos na rua e com outra veemencia.

Atividade diplomática do"eixo"

11 A atividade diplomática do "eixo", durante o mês passado, foi muito grande. As viagens do Conde Ciano à Alemanha não tiveram conta. Ele efetuou a primeira, no começo de Novembro, época em que ainda se encontrava na Albania combatendo. Houve tambem a visita do General Antonesco a Roma, no dia

dia 14. Dias antes, dava-se a chegada a Berlim de Molotoff, Comissario soviético das Relações Exteriores e, pouco depois, a do Rei Boris da Bulgaria. Finalmente, o Ministro dos Negócios Estrangeiros da Espanha, Serrano Suner, tambem visitou a capital do Reich.

12 Essas viagens e encontros de Chefes de Govêrno e Ministros, em que se manifestou a atividade diplomática a que me referi acima, nem todas tiveram a mesma importancia. Por outro lado, nem todas produziram resultados visiveis. A visita do General Antonesco a Roma teve caráter simplesmente simbolico. As condições da Rumania como nação independente são as mais tristes. A presença em Roma do Chefe do seu Govêrno, que não dispõe sequer de autoridade interna, como provam os horrores de que o país foi teátro recentemente, terá produzido muito pouca coisa, alem de sua invocação à Coluna Trajana, que a imprensa publicou nas vesperas de sua partida. A visita de Molotoff a Berlim teve outro caráter e outro alcance. Serviu, antes de tudo, para dar ao mundo a impressão do estado de cordialidade das relações entre a U.R.S.S. e o "eixo". É verdade que resultados visiveis não se produziram ainda: adesão ao tratado de triplice aliança; um passo decisivo no sentido da aproximação com o Japão, como seria a assinatura de um pato de não-agressão, ou qualquer declaração com vistas à posição da Turquia. Mas é quasi certo que um acôrdo geral deve ter sido estabelecido entre a política do "eixo" e da U.R.S.S. num futuro próximo, com relação à Europa, e qualquer coisa deve ter sido concluida no genero de um acôrdo economico, que facilite à Alemanha a continuação da guerra. Aliás, para o "eixo", a simples impressão do estado de cordialidade das relações, por

por parte de um Estado cuja atitude é enigmatica, porque não póde desejar a vitória nem de uns, nem de outros, já é um resultado apreciavel.

13 Restam as outras viagens e encontros. Os seus resultados, pelo menos até agora, foram modestos. Parece que a nova ordem que o "eixo" deseja introduzir na Europa deve revestir inicialmente a forma de adesão ao tratado de triplice aliança assinado com o Japão. Nêste momento, semelhante adesão deve ser o primeiro gesto demonstrativo daqueles que concordam com a concepção do "eixo" sôbre o futuro do continente. As adesões sucessivas irão aos poucos fortalecendo o blóco destinado a isolar a Inglaterra e os seus eventuais aliados. Mas até à hora em que êste relatório é escrito, os aderentes ao tratado de triplice aliança forma exclusivamente a Hungria, a Rumania e a Slovaquia. São três países que nada significam, devido às suas condições de completa dependencia da Alemanha. A Espanha, a Yugoslavia e a Bulgaria não se mexeram. O primeiro dêsses países assinou mesmo ontem um acôrdo economico e financeiro e economico com a Inglaterra. Não saberei dizer até que ponto o curso da guerra contra a Grecia poderá ter influido na atitude reservada das outras nações balcânicas. De qualquer modo, porme, é forçoso reconhecer que, depois de um mês de intensa atividade diplomática, o seu sucesso aparentemente foi pequeno. Sob êsse ponto de vista, só merece mesmo relevo a visita de Molotoff a Berlim, ainda que os seus resultados não se tivessem manifestado.

Estados-Unidos

14 Nos primeiros dias do mês passado, tive ensêjo de telegrafar a essa Secretaria de Estado, chamando a sua atenção para um longo artigo do Diretor do "Giornale d'Italia",

"Giornale d'Italia", intitulado "Le cose a posto" (As coisas no seu lugar), em resposta ao grande discurso do Secretario de Estado Cordell Hull, na vespera das eleições presidenciais. Tratava-se de um artigo quilométrico, de seis colunas, cujo texto completo remeti depois a essa Secretaria. O artigo era uma longa análise da política norte-americana desde 1935, para provar que ela fôra sempre hostil aos interesses da Itália e do "eixo", por sinal que de uma monotonia de que Virginio Gayda tem o segredo, em contraste com Giovanni Ansaldo, o brilhante interprete do Ministro dos Negócios Estrangeiros, no "Telegrafo" de Livorno. Depois disso, a imprensa italiana deixou em paz os Estados-Unidos, a não ser para, no meado do mês, protestar contra os jornais americanos, pelo fato de terem publicado a versão britânica do bombardeio de Taranto e das operações militares na Grecia e na Albania. Ela continuou a estampar telegramas dos Estados-Unidos sôbre tudo quanto se relacionava à situação européia e à posição daquela República, mas se absteve inteiramente de qualquer comentário.

15 Terminadas as eleições americanas e reeleito o Presidente Roosevelt, dir-se-ia que cessára o interesse da Itália pela vida política americana. No dia imediato às eleições ou dois dias depois, a propósito de um discurso de Churchill, num artigo sôbre os "Anglo-saxões e a guerra", o "Giornale d'Italia" ainda se ocupou dos Estados-Unidos para insistir na"sua atitude ideológica e operativa hostil ao "eixo" e ao Japão" e para dizer quão dificel seria "traçar uma linha precisa de demarcação entre uma intervenção e a sua atual suposta neutralidade benevola". Mas depois, como já disse, um silencio completo desceu sôbre os fatos e gestos americanos. Era como se toda a agitação anterior da imprensa italiana com relação aos Estados-Unidos tivesse tido como motivo a ilusão de intervir nas eleições

eleições americanas.

16 Com êsse silencio da imprensa, coincidiu na Itália o sentimento de que não se daria a intervenção dos Estados-Unidos na guerra. Esse sentimento prevalece nêste momento, em contraste absoluto com o que se manifestava no fim de Setembro e em todo o mês de Outubro. Logicamente deveria ser o contrario, à vista da reeleição do Presidente Roosevelt e da continuação de sua política. Se êle representava ha um mês, aos olhos da Itália, uma política interventista, não se compreende bem porque teria adotado outra depois de reeleito. Mas o fato é que o sentimento do público italiano mudou, não sómente, aliás, quanto à intervenção, mas tambem quanto à progressão da ajuda à Inglaterra. Ele passou a acreditar que essa juda não poderá tornar-se muito maior do que tem sido, por ,ultiplas razões, inclusive devido às condições financeiras da Grã-Bretanha. As declarações, verdadeiras ou não, do Embaixador Kennedy, nos Estados-Unidos, sôbre o estado da Inglaterra, tiveram imensa repercussão, assim como as do Embaixador Britânico em Washington, sôbre os recursos financeiros do seu país. Existe aqui, aliás, nêste momento, um sentimento misto, dificil de explicar ou definir, entre a impressão de que a capacidade de resistencia da Inglaterra decresce e, ao mesmo tempo, apezar disso, de que a guerra será muito longa. Uma coisa não parece conciliar-se com a outra. Mas a primeira dessas impressões, sôbre a capacidade decrescente de resistencia da Inglaterra, deve ser o principal fator do sentimento em relação ao afastamento do receio da intervenção dos Estados-Unidos.

A questão das bases uruguaias

17 Assim como na Itália começou a receiar-se menos

menos a intervenção dos Estados-Unidos e a duvidar-se da progressão da ajuda daquela República à Inglaterra, desapareceu tambem em parte o temor da formação de um bloco das três Americas contra o "eixo". A questão das bases navais e aéreas do Uruguai-ou melhor, a questão das negociações entre os Estados-Unidos e o Uruguai para a sua creação - foi, durante o mês passado, o principal fator dêsse sentimento. A questão ocupou, durante dias consecutivos, espaço relevante no noticiário telegráfico dos jornais. Como, em Novembro, com relação ao resto dos problemas americanos mais ou menos ligados com a guerra, ela não provocou nenhum comentário na imprensa quotidiana. Mas o caráter conspicuo das noticias publicadas traduzia o interesse do país pelo assunto. As fontes principais dos telegramas foram Montevideo, como era natural, Buenos-Aires e até Madrid. De Madrid descrevia-se a reação da opinião pública Espanhola pelo fato dos Estados-Unidos quererem instalar-se em territorio uruguaio. De Montevideo abundaram telegramas palpitantes que terminaram pela noticia sensacional de que o Senado, num voto unanime, havia desaprovado o Govêrno.

18 Convem assinalar a importância aqui conferida aos efeitos da atitude da opinião pública espanhola nessa questão. Convem assinalá-la porque ela traduz, na realidade, um desejo, isto é, o desejo de procurar como combater no continente americano a influencia natural dos Estados-Unidos e a esperança, como a Espanha pertence de certo modo ao "eixo", de encontrar nela, devido à lingua e à raça, o elemento apropriado para tal fim. A arma das afinidades latinas entre uma parte do "eixo" e a America espanhola e portuguêsa não apresenta utilidade, porque o "eixo" não é todo latino e fóra dêle ficaram nações latinas das mais nobres. Mas o caso especial da Espanha

Espanha, com todos os seus laços de costumes, cultura, tradições, raça e lingua com uma America que é justamente chamada espanhola, é diferente. Quando mais não seja, é muito tentador fazê-la agir por procuração, sôbre povos conhecidamente sentimentais, no interesse de amigos poderosos, por quem é pouca a simpatía do continente americano. E, por seu lado, os atuais dirigentes da Espanha, na fáse de euforismo que estão atravessando depois do triunfo da revolução, sentem uma grande vaidade em pensar que podem exercer uma especie de Império espiritual sôbre tão vasto espaço.

19 A noticia da atitude do Senado uruguaio foi aqui muito bem recebida, como tambem o desmentido, em termos muito breves, da Legação do Uruguai, de que aquela República cogitasse de ceder a uma Potencia estrangeira bases navais e aéreas em seu território. O público italiano não tem a mais longinqua noção dos segredos da política continental americana. Portanto, viu simplesmente na moção do Senado uruguaio uma expressão da revolta do povo contra as tentativas imperialistas dos Estados-Unidos na America do Sul. Para êle, isso é o sinal de que as nações latino-americanas se estão despertando e de que o exemplo do Uruguai será seguido por outros Estados, inclusive na America Central. Nêsse caso, vãos seriam os esforços dos Estados-Unidos no sentido da creação de um bloco compáto continental, de caráter militar, político e economico.

O Brasil

20 Esta Embaixada tem grande prazer em assinalar a viva simpatía com que a imprensa italiana se ocupou da passagem do decimo aniversário da posse do Presidente da República, Sua Excelência Doutor Getulio Vargas. Sem falar no noticiário telegráfico, proveniente do Rio de Janeiro e reproduzido

reproduzido em toda a imprensa, vários jornais publicaram notas especiais da redação, com referencias não só muito justas, mas num tom da maior cordialidade, em que se reflete o estado das relações de amizade entre o Brasil e a Itália, sôbre o Presidente, a sua pessoa e a obra do seu Govêrno. Remeti a essa Secretaria de Estado a principal dessas notas, aparecida na "Voce d'Italia", suplemento dominical do "Giornale d'Italia", que é o orgão mais importante da imprensa italiana.

21 Os jornais publicaram igualmente telegramas do Rio de Janeiro, sôbre o discurso pronunciado pelo Presidente da República, salientando o trecho em que o Chefe da Nação, ao reafirmar a intenção do Brasil de permanecer neutro na presente guerra, declarou não existir incompatibilidade entre isso e a sua política de solidariedade americana para a defêsa do continente. Dias depois, a imprensa publicou um telegrama da "United Press", segundo o qual"um porta-voz do Govêrno" declarara que o Presidente Getulio Vargas aceitara o convite do Presidente Roosevelt para visitar Washington oficialmente.

22 Quanto,porem, à missão de Lord Willingdon ao Brasil e ao almoço oferecido ao mesmo pelo Senhor Ministro das Relações Exteriores, só o "Osservatore Romano" deu a noticia, reproduzida dos jornais da Suissa.

Celebração do dia 15 de Novembro

23 Celebrando a data nacional de 15 de Novembro, esta Embaixada ofereceu uma recepção a que compareceram mais de 350 pessoas. A recepção constou de uma conferência do Embaixador Magalhães de Azeredo sôbre os nossos poetas, de uma saudação ao Brasil pelo Senhor Arturo Marpicati, Secretario Geral da "Associação dos Amigos do Brasil", e da interpretação de várias poesias brasileiras pela Senhorita Eva Paci. Essa festa teve na

na imprensa italiana uma grande repercussão.

Situação economica

24 A situação economica na Itália precisa ser acompanhada com atenção pelas repercussões que póde vir a ter na vida interna do país, num futuro não muito remoto. Ha dois mêses apenas não era possivel pronunciar-se a êsse respeito. Hoje o caso é diferente. De Outubro para cá, começaram a ser impostas restrições reveladoras das graves dificuldades que o país deverá enfrentar. Ninguem tem duvida sobre o ritmo acelerado com que elas se irão fatalmente agravando. O custo da vida aumentou de 40%, o que para as classes pobres representa um pêso consideravel. Alem disso, as industrias atravessam uma grande crise por falta de materias primas, entre as quais avultam a borracha e o algodão. O carvão para o consumo domestico é insuficiente e, sobo o ponto de vista da alimentação, faltam oleo e gorduras, assim como faltará próximamente o próprio trigo. É sabido que a Itália, que não se preparara para uma guerra longa, não possue reservas de nenhuma especie.

Roma, 3 de Dezembro de 1940.

P. Luiz Vilhena

ARQUIVO
64 FEV 41
SAIDO

EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

VP

S. DE E. DOS RELAÇÕES EXTERIORES
SERVIÇO DE COMUNICAÇÕES
-3 FEV. 1941
Nº 1634

RESERVADO

N. 1

Mês politico n.12.
Dezembro de 1940.

900.1/96/Rr

A Embaixada do Brasil em Roma tem a honra de remeter à Secretaria de Estado das Relações Exteriores, nos ter-
./1 mos da Circular nº.1248, de 17 de Setembro de 1938, o incluso relatorio politico do mês de Dezembro findo.

Roma, 5 de Janeiro de 1941.

G.A.

Anexo ao oficio n. 1 de 1941.

RELATORIO POLITICO DE DEZEMBRO REDIGIDO PESSOALMENTE PELO CHEFE DA MISSÃO

Dezembro foi para a Italia um mês de acontecimentos politicos dignos da maior atenção,ligados ao curso das operações militares da Africa setentrional e na Albania,de que falarei mais adeante.

DEMISSÃO DO MARECHAL BADOGLIO

2. A noticia relativa á demissão do Marechal Badoglio,Chefe do Estado-Maior,foi publicada pelos jornais no dia 6. Excusado é ddescrever a essa Secretaria de Estado quel ele é. O Brasil,onde o Marechal Badoglio foi Embaixador da Italia,logo depois do advento do fascismo,o conhece pessoalmente. Hoje murmura-se que a sua escolha,então,para exercer aquela missão diplomatica,fôra determinada pelo desejo de afastá-lo da Italia,em virtude de sua pouca simpatia pelo regime instituido por Mussolini. Como quér que seja,porem,o Marechal Badoglio é o mais ilustre Chefe militar que possue a Italia. Em contraste, para citar um exemplo,com Marechal Graziani,o Marechal Badoglio é um oficial de Estado-maior,de cultura muito vasta e elevada. Foi quem salvou a campanha da Etiopia,começada desastrosamente pelo Marechal De Bono. O seu prestigio é muito grande,não somente junto ao Exercito,como tambem em todo o país.

3. A sua demissão não constituiu sorpreza para ninguem. Era esperada varios dias antes do seu anuncio. Sobre ela murmurava-se desde os primeiros insuccessos das forças italianas na fronteira da Grecia. É possivel que,no principio,esses murmurios fossem um simples efeito do descontentamento geral ou uma dedução natural,derivada desse descontentamento,mas o fáto é que persistiram,de modo que a demissão se deu como uma coisa fatal,o que não impediu,comtudo,que causasse profunda sensação.

4. Sobre a demissão do Marechal Badoglio existem duas ver-

sões. Darei as duas,advertindo,porem,que a segunda passa por aproximar-se mais da verdade,segundo as minhas fontes de informação.

5. A primeira é muito simples e,em poucas palavras,póde ser descrita da seguinte maneira. O Marechal Badoglio ter-se-ia oposto á expedição contra a Grecia,por causa dos efetivos reduzidos de que a Italia dispunha naquele setor;teria recomendado o seu reforço e,á vista do insucesso consequente,teria apresentado a sua demissão em sinal de protesto.

6. Segundo a ouyra versão,um importante conselho de gabinete teria tido logar em presença de Mussolini,antes de se resolver a apresentação do ultimatum á Grecia. Nesse conselho teriam tomado parte cinco pessôas,entre as quais o Ministro dos Negocios Estrangeiros,inspirador da politica depois adoptada,e o Marechal Badoglio. Esse ultimo teria,como se disse,chamado a atenção para a insuficiencia dos efetivos de que a Italia dispunha. O Conde Ciano, porem,teria apresentado provas convincentes de que o Exercito grego não ofereceria senão uma resistencia aparente. Teria provado,com efeito,que os seus generais estavam vendidos. Á vista disso,ficara assentada a apresentação do ultimatum e fôra redigida uma áta,assinada por todos os presentes,inclusive o Marechal Badoglio.

7. Com a resistencia dos gregos e o insucesso fatal das forças italianas,numericamente muito inferiores,nasceu o descontentamento popular e,ao mesmo tempo,as queixas contra o proprio Mussolini,apontado como responsavel direto pelo que sucedera. Nessa ocasião surgiram os murmurios sobre a demissão do Marechal Badoglio,em sinal de protesto. Roberto Farinacci,então,proprietario do "Regime Fascista",acusou num editorial o Estado-maior pela falta de preparação da expedição.

8. Nessas condições,o Marechal Badoglio teria escrito uma carta a Mussolini,pedindo uma reperação,e teria partido ostensivamente para uma caçada,afim de aguardar a resposta. Quatro dias se passaram sem que viesse a resposta,nem que o Marechal Badoglio reassumisse os seus deveres de Chafe de Estado-maior. Nessa altura,ao

que consta,o Rei teria sugerido uma entrevista entre ele e Mussolini. É preciso que se note que,na verdade,nunca existiu simpatia entre os dois homens. O Marechal Badoglio nunca concordou com a politica agressiva de Mussolini,nem com a entrada da Italia na guerra ao lado da Alemanha. A entrevista correu de uma maneira tempestuosa,depois do que foi anunciada a sua demissão. Ha quem diga que ela foi,não solicitada,mas imposta. Para substituir o Marechal Badoglio foi designado o General Ugo Vacallero,oficial inteligente,mas de pessima reputação moral.

9. Á demissão do Marechal Badoglio seguiu-se a do Conde Cesare Maria De Vecchi,"Quadrumviro",Governador da Ilha de Rhodes,e a do Almirante Domenico Cavagnari,Sub-Secretario de Estado da Marinha e Chefe do Estado-maior da armada. Não saberei dizer até que ponto a demissão do Conde De Vecchi se relacione com a do Marechal Badoglio. Apezar do seu titulo de General,não se trata de um militar de carreira.

IO. Como já disse,a demissão do Marechal Badoglio causou profunda impressão. Ouvi de italianos que só isso significava que a Italia estava perdida. Não obstante,porem,o Chefe do Estado-maior foi despedido sem o mais breve elogio pelos seus serviços passados. Os jornais não lhe publicaram sequér a fotografia, ao passo que os fascistas extremados começaram abertamente a hostilisá-lo. Roberto Farinacci acusou-o de novo publicamente,chegando a insinuar que se lhe devia pedir contas pelos I70 bilhões de liras gastas para preparar o armamento da Italia.

SITUAÇÃO MILITAR

II. Os fátos narrados acima,assim como a materia de que tratarei mais deante,relativa á situação interna do país, ligam-se ao curso desastroso das operações militares,nos setores albanês e africano. É preciso,portanto,que me ocupe do assunto.

I2. No setor albanês é evidente que o progresso da marcha dos gregos foi menor em Dezembro do que em Novembro. Os italianos conseguiram enviar reforços,numa proporção que se cal-

cula em mais de Io divisões,tendo o seu transporte,em grande parte,sido efetuado por via aérea. Por outro lado,os gregos foram-se distanciando de suas bases,o que,numa região de comunicações dificeis,cria problemas de abastecimento de solução complicada. Por fim,sobreveio o frio rigoroso. Ainda assim,porem,as forças gregas continuaram a progredir metodicamente e se acham ,neste momento,perto de Valona.

I3. Os motivos porque os italianos não conseguiram opor-se inteiramente ao progresso dos gregos são varios. Os principais,porem,são a falta de organisação e as condições climatericas. Consta que o numero dos soldados vitimas do frio,de uma maneira ou doutra,por falta de equipamento adequado,é impressionante. Os italianos esperam,melhorando a sua organisação,reunindo um numero de forças esmagador e terminado o inverno,contra-atacarem com pleno sucesso. A verdade,comtudo,é que esse optimismo não é partilhado pelos observadores imparciais. Os alemães não mostraram ainda,por motivos politicos,ou melhor,por motivos de sua politica balcanica,nenhuma disposição em ajudar diretamente os seus aliados no setor grego. E existe um fator que ninguem enxerga ainda como poderá ser modificado num futuro proximo,isto é, o moral do povo italiano e,portanto,do soldado.

I4. No setor africano,os inglêses iniciaram em 7 de Dezembro uma ofensiva fulminante,cujos resultados foram tremendos para a Italia,sob todos os pontos de vista. Sidi-el-Barrani,ocupado pelos italianos em Setembro,foi rapidamente reconquistado,assim como Sollum. Foram feitos 38.000 prisioneiros, dos quais 5 generais e cerca de 2.000 oficiais. Hoje,apezar da resistencia de Bardia,as forças britanicas penetraram mais de I00 quilometros no territorio da Libia. O material capturado em Sidi-el-Barrani,base do ataque planejado pelo Marechal Graziani contra Alexandria,foi imenso. O Egipto ficou completamente desafogado.

I5/ Em seguida aos insucessos repetidos,durante

o mês de Novembro,das forças italianas no setor albanês,não preciso dizer a impressão causada - no dia imediato da demissão do Marechal Badoglio - pelas noticias da Africa setentrional. A principio,tentou-se reagir,acusando a propaganda britanica. Como os fátos,porem,dessem razão aquela propaganda e como,aos poucos,fossem caindo no dominio publico,tornou-se necessario uma explicação. Não bastava a contra-propaganda italiana,segundo que o país lutava contra todas as forças reunidas do Imperio britanico,e não bastava que se dissesse que o Imperio britanico concentrara as suas forças contra a Italia pela necessidade,por sua vez,de reanimar o moral de sua população,sujeita na Metropole a constantes e violentissimos bombardeios aéreos. Não bastava igualmente o argumento de que a Inglaterra resolvera submeter o povo italiano a uma verdadeira guerra de nervos,na falta de outra alternativa. Solicitou-se,então,ao Marechal Graziani um relatorio sobre as operações militares,com cujos elementos foi redigido um documento,sob a sua assinatura,para a imprensa.

I6. O relatorio do Marechal Graziani contem a explicação do motivo principal do resultado fulminante da ofensiva levada a efeito pelos inglêses. Os italianos estavam,por sua vez, em vesperas de começarem eles o ataque ás posições britanicas. Começava a chegar na Libia o material insistentemente reclamado pelo comando para aquele fim. O Marechal Graziani faz questão, porem,em contestar que tivesse sido sorpreendido,para defender-se, como é justo,aos olhos do publico. Atribue a desfeita sofrida pelos italianos exclusivamente á grande superioridade do material dos adversarios. Acrescenta mesmo que tivera conhecimento,poucos dias antes,dos seus preparativos e avisára o comando em Sidi-el-Barrani.

I7. Á hora em que este relatorio é escrito,a ofensiva inglêsas está parada deante de Bardia. O heroismo dos seus defensores,compostos dos efetivos que puderam escapar de Sidi-el-Barrani,isto é,cerca de 40.000 homens,tem sido justamente celebrado

pela imprensa italiana. O relatorio do Marechal Graziani mostra confiança no restabelec imento da situação. Mas,do mesmo modo como em relação ao setor da Albania,esse optimismo não é partilhado pelos observadores imparciais. Consta o fornecimento pelos alemães aos italianos de 400 carros armados para a Libia. Mas o transporte desse material encontrará forçosamente as maiores dificuldades e,depois,na Africa setentrional,é preciso que se note que os italianos terão que recomeçar do principio tudo quanto fizeram,antes e depois de Junho do ano passado.

I8. Seria interessante,tratando da situação militar sob o ponto de vista italiano,saber exatamente o que se passa tambem na Abyssinia. Os rumores são os mais pessimistas,o que não sorpreende quando se pensa no isolamento completo da Metropole,em que está a Africa oriental. Não estou,todavia,habilitado a dizer nada de positivo a esse respeito.

I9. Foi publicado um comunicado oficial sobre as baixas nos setores grego e albanês,até 30 de Novembro findo. As cifras são as seguintes:-I.9I7 feridos e 73I desaparecidos. O comunicado é obscuro quanto ao numero de mortos e prisioneiros. Foi tambem publicado um comunicado sobre todos os setores reunidos,desde II de Junho,cujas cifras apresentam o seguinte resultado:-3.655 mortos,7.538 feridos e 2.885 dispersos.

SITUAÇÃO INTERNA

20. O mal-estar do povo italiano,que começou a manifestar-se no principio do outono,com a perspectiva da prolongação da guerra,e depois aumentou com as noticias dos primeiros insucessos no setor grego e albanês,agravou-se muito o mês passado,devido ao curso das operações no referido setor e no da Africa setentrional.

2I. A crise moral que atravessa a Italia caracterisa-se pela perda de fé no regime e no seu Chefe. O país vivia ha dezesete anos desse engano. Todas as aparencias lhe pareciam dar razão. Primeiramente,uma propaganda intensa e constante ha-

via incutido no espirito do publico a noção da infalibilidade do fascismo e do Duce;dos meritos sem precedente do seu governo;do prepara militar da nação e,por esse motivo,do exito de sua politica. Os fatos,de resto,durante os anos passados,deram razão a essa confiança. Por conseguinte,suportava-se o regime com dureza a sacrificio;suportava-se a sua politica economica e financeira;suportava-se a sua sobrecarga de impostos,mas se desculpava tudo,pensando que Mussolini estava realisando o destino da Italia. De repente,o povo verifica a sua profunda ilusão. Não ficava de pé sequér o mito da eficiencia militar da nação. Não é de admirar,á vista disso,o seu estado de desanimo,sobretudo quando ele considera que a Italia poderia não ter intervindo na guerra,porque não estava obrigada,e o fizera contra a vontade geral.

22. Não preciso dizer que,durante o mês de Dezembro,correram os mais variados rumores sobre a situação interna da Italia. Foi preciso um grande cuidado em os acolher. Eram rumores de fermento popular;golpes de Estado militar;demissão de Ministros e reorganisação do Governo. No estrangeiro chegou a circular o boato da prisão do Principe do Piemonte. A verdade era,como é,um profundo mal-estar geral;um grande abatimento;um sentimento de humilhação,deante do curso das operações militares, sobretudo no setor albanês,e uma viva preocupação quanto ao futuro da Italia. Tudo o mais era prematuro. Notou-se tambem,é certo,uma certa tendencia entre os elementos exaltados do fascismo a reagir violentamente contra o desanimo popular. Receiaram-se desatinos contra a burgêsia,acusada de responsavel pelo estado de espirito reinante. Mas depois sobreveio uma distensão. Até quando durará ela?

23. Mussolini,durante a fase mais aguda desse periodo,recebeu uma delegação de ex-combatentes. Em Novembro,ele convocara os representantes federais do partido,para se justificar num discurso publico,em que afirmou a certeza da vitoria esmagadora da Italia sobre a Grecia. Desta vez a situação não se pres-

tava mais a uma manifestação da mesma natureza. Houve discurso, com exposição dos fátos e apresentação dos argumentos justificativos,inclusive da entrada da Italia na guerra,em Junho do ano passado;houve declarações afirmativas de sua confiança na vitoria final;houve um apêlo sobre a necessidade de triunfar,quaisquér que fossem os sacrificios. Mas só se publicou a mensagem apresentada pelos ex-combatentes,antes do discurso. Fui informado do que se passara por um amigo presente. O discurso foi longo;minucioso,especialmente em torno das razões da intervenção da Italia na guerra; foi feito num tom sereno,mas,ao mesmo tempo,admoestador quanto á alternativa,para a Italia,de vencer ou deixar de existir.

24. Como disse,a situação interna da Italia apresenta,neste momento,uma certa distensão. Mas o mal-estar persiste,assim como tambem o desanimo. O regime mantem-se por varios motivos:porque o partido fascista é uma organisação muito solida;porque um golpe de Estado militar,achando-se o país em guerra,não seria simpatico,apezar de tudo;porque existe confiança na vitoria da Alemanha e,finalmente,por causa da convição de que um atentado contra o regime provocaria a intervenção daquele país. Por emquanto, não ha tropas alemães na Italia,propriamente falando. Mas as ha na fronteira,assim como tambem ha uma verdadeira infiltração de funcionarios civis e militares alemães em varios orgãos da administração. O regime mantem-se,mas não se póde verdadeiramente fazer previsões sobre o destino que o aguarda. Ele está ferido e,para rehabilitar-se - se poder rehabilitar-se - seria necessaria uma mudança na situação muito radical. No fundo,o apêlo dirigido por Winston Churchill ao povo italiano,na vespera do Natal,não foi de todo inoportuno. Corre que se prepara um golpe contra Nice,para ocupá-la,afim de levantar o moral do povo. Duvido,porem,que produza o resultado desejado,sem falar nas complicações desfavoraveis a que poderá dar logar.

ESTADOS-UNIDOS

25. Com relação aos Estados-Unidos e a Italia,trata-

rei brevemente,no que se refere ao mês passado,de tres pontos:o regresso do Embaixador William Phillips;a reação da imprensa a proposito das declarações de sir Ronald Cross,Ministro da Marinha Mercante britanica sobre os efeitos da campanha sub-marina e a ajuda americana,e a repercussão do discurso pronunciado pelo Presidente Roosevelt,na noite de 29 de Dezembro.

26. O Embaixador americano deixára a Italia nos primeiros dias de Setembro do ano passado,em férias;chegando aos Estados-Unidos adoecêra de bronco-pneumonia;em Novembro anunciára-se que ele não regressaria mais ao seu posto por motivo de saude e,nos primeiros dias do mês passado,chegava a Roma o Conselheiro de Embaixada,Senhor Alexander Kirk,para assumir as funções de Encarregado de Negocios,emquanto o seu predecessor,Senhor Edward Reed embarcava para os Estados-Unidos,levando todas as joias da Embaixatriz e os objetos de propriedade particular do Embaixador. De repente,publica-se que o Embaixador William Phillips reassumirá o posto nos primeiros dias de Janeiro. O proprio Encarregado de Negocios,recem-chegado,conversanndo comigo,mostrou-se sorpreendido. A noticia,devo dizer,causou excêlente impressão nos circulos italianos,onde foi interpretada como indicio de que os Estados-Unidos não cogitam de intervir na guerra. Eu interpreto o fáto como consequencia da situação interna da Italia. A insistencia do Presidente para que o Embaixador regressasse a Roma (porque deve ter havido insistencia) coincide,com efeito,com o agravar do mal-estar neste país,depois dos insucessos militares na Albania e na Africa setentrional.

27. A imprensa italiana manteve-se muito reservada a proposito dos Estados-Unidos até o dia 2I do mês passado. Por essa data,o Ministro britanico da Marinha Mercante,Sir Ronald Cross,externou-se a respeito dos efeitos da campanha sub-marina;das graves perdas sofridas pela Inglaterra e acenou á possibilidade da cessão ao seu país dos navios mercantes alemãs,detidos nos portos americanos. Ao mesmo tempo,como um balão de ensaio,talvez,foi divulga-

da a noticia de que a Inglaterra seria possivelmente,no futuro, abastecida de material belico pelos Estados-Unidos atravez da Irlanda,em barcos de propriedade americana,comboiados por navios de guerra da mesma nacionalidade. A propaganda alemã reagiu energicamente contra essas duas hipoteses e a imprensa italiana,por questão de solidariedade,imitou-a. Por esse caminho,disse ela,a Inglaterra acabaria envolvendo os Estados-Unidos na guerra,porque não se podia conceber,afinal,que a insistencia em intervenções de tal natureza não acabassem por provocar complicações. Dias depois, não a imprensa em côro,mas o "Giornale d'Italia",na vespera do discurso do Presidente Roosevelt,voltou a se ocupar do têma da ajuda dos Estados-Unidos á Inglaterra,para advertir os americanos sobre o perigo,nesse particular,de iniciativas susceptiveis de violarem muito abertamente as regras de neutralidade e para declarar que,em caso de reação por parte das Potencias do "eixo" e do Japão,a culpa da extensão do conflito europeu ao continente americano e ao Oceano Pacifico recairia toda sobre os Estados-Unidos.

28. Quanto ao discurso do Presidente Roosevelt,pronunciado na noite de 29 de Dezembro,direi antes de tudo que ele mereceu a atenção nos jornais de um resumo muito breve,mas assaz correto,o que nem sempre tem sucedido. A reação da imprensa durou apenas 24 horas e foi moderada. A nota geral foi que nada continua de novo. E,em seguida,naturalmente,que as Potencias do "eixo",quaisquér que fossem os interesses e as intenções dos Estados-Unidos,não estavam dispostas a tolerar que as iniciativas do Governo americano,em materia de auxilios á Inglaterra,ultrapassassem certos limites. Em suma,nada mais do que o que já fôra precedentemente dito pelo "Giornale d'Italia". A impressão do discurso, comtudo,deve ter sido grande entre aqueles (é verdade que muito raros) que o poderam ouvir,num momento em que a esperança que resta á Italia é o esmagamento total da Inglaterra pela Alemanha.

BRASIL

29. Os casos do "Itapé",do "Siqueira Campos" e do

"Buarque" tiveram,sobretudo os dois primeiros,certa repercussão no noticiario dos jornais italianos. Prestavam-se a ser explorados pela propaganda italiana,para demonstrar os métodos prepotentes da Inglaterra e para criar a ilusão de um movimento de opinião no Brasil contra aquela nação,com a consequente québra da solidariedade continental americana em relação á guerra européa.

30. Durante dias consecutivos,as noticias se sucederam,sob a forma de telegramas do Rio de Janeiro e de outras grandes cidades do continente,nas colunas de todos os jornais sem excepção,debaixo de titulos sensacionais. E,durante todo o mês,de vez em quando,apareciam novos telegramas,para avivar o assunto. Falou-se na indignação quasi unanime da imprensa brasileira,pelo atentado cometido pelas forças navais britanicas;anunciou-se a provavel convocação da Comissão pan-americana de neutralidade;aludiu-se a um protesto coletivo das nações do nosso continente e a sanções a Inglaterra. Os telegramas do Brasil á imprensa italiana foram ao ponto de atribuir ao Embaixador Mello Franco declarações sobre a possivel proibição aos navios britanicos de entrarem nos portos americanos.

31. Por fim,sempre ao mesmo proposito,especial relevo foi dado ao discurso pronunciado pelo Presidente da Republica,em 8 de Dezembro,no centro de preparação dos oficiais de reserva,com a transcrição de trechos dirigidos,no conceito da propaganda italiana,contra a Inglaterra,com referencia ao respeito mutuo,pelas nações,dos seus direitos e deveres;ao dever dos povos que se arvoram em modelos de civilisação e paladinos da liberdade e á impossibilidade de uma paz estavel,baseada no arbitrio e na violencia. O discurso do Presidente foi,aliás,reproduzido depois na integra,em seu numero de 28 de Dezembro,pela revista "Relazioni Internazionali" que,como é sabido,é um orgão publicado pelo "Istituto per gli Studi di Politica Internazionali" de Milão,sob os auspicios do Ministerio dos Negocios Estrangeiros.

SITUAÇÃO ECONOMICA

32. A situação economica da Italia é um fátor que

póde repercutir seriamente,no estado moral de desanimo que a nação atravessa,sobre a situação politica interna da Italia. É preciso,portanto,que eu procure resumi-la,tal como ela é encarada neste momento. Aparentemente ela é muito menos critica do que na realidade. Aparentemente não ha sinais da gravidade que ela póde assumir num futuro mais ou menos proximo. Isto é,quem dispõe de meios e quem tambem os teve para constituir reservas de tudo,ainda vive sem privações. A verdade,porem,é que a situação economica da Italia se caracterisa,primeiramente,por um aumento do custo da vida de 40 por cento,por uma profunda desordem administrativa,agravada pela indisciplina popular,e pela falta já de varios produtos ou,pelo menos,pela sua escassez. A questão do carvão,é verdade, foi remediada de certo modo. Mas na propria distribuição de viveres (na distribuição das massas alimenticias,por exemplo,base da alimentação do povo) já se revelou a imprevidencia dos orgãos administrativos competentes. Até ao fim de Dezembro,não fôra possivel distribui-la,apezar das quotas estabelecidas.

33. O Governo tem procurado remediar esse estado de coisas. Foi decretada a pena de morte contra os açambarcadores. O Ministerio da Agricultura foi arvorado em unico orgão diretor da economia interna. Afim de atender á elevação do custo da vida, foi aumentada a pensão das viuvas e orfãos de guerra. Mas,como em relação a tudo o mais,a causa das dificuldades da Italia,nesse particular,é a sua impreparação. Portanto,não será simples combatê-la a golpes de medidas de ultima hora.

Roma,3 de Janeiro de I94I

P. Luís Vallet